



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPOS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JANIELLY FONSÊCA BARBOSA

COCO DE RODA: uma perspectiva educativa na comunidade Quilombola dos Timóteos à
luz da educação popular

CARUARU
2023

JANIELLY FONSÊCA BARBOSA

**COCO DE RODA: uma perspectiva educativa na comunidade quilombola dos Timóteos
à luz da educação popular**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campos Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau em licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação não escolar

Orientadora: Prof. Dr. Allene Carvalho Lage

CARUARU
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barbosa, Janielly Fonsêca.

Coco de Roda: uma perspectiva educativa na comunidade quilombola dos
Timóteos à luz da educação popular / Janielly Fonsêca Barbosa. - Caruaru, 2023.
64p., tab.

Orientador(a): Allene Carvalho Lage

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Quilombo. 2. Dança. 3. Cultura. 4. Educação. 5. Tradição. I. Lage, Allene
Carvalho. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

JANIELLY FONSÊCA BARBOSA

**COCO DE RODA: uma perspectiva educativa na comunidade quilombola dos Timóteos
à luz da educação popular**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campos Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau em licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 09/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Allene Carvalho Lage (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ms. Marciano Antonio da Silva (Examinador externo)
Secretaria de Educação, Esportes e Tecnologia de Belo Jardim

Prof^a. Ms. Fábيا Roseana Souza Oliveira da Silva (Examinadora externa)
Universidade Tiradentes

Dedico esse trabalho aos meus familiares que me apoiaram
durante todo o processo de formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e sabedoria para chegar até aqui.

Aos meus familiares que sempre me encorajaram a concluir a licenciatura, em especial para minha mãe, Maria Regina, que apesar das dificuldades sofridas por ser uma mãe solo criou a mim e a minha irmã sozinha. A minha avó, Regina, pessoa que cuidou/cuida de todos os membros da família. A minha irmã, Janaina Barbosa, por me incentivar e ensinar os caminhos a serem percorridos durante o processo de aprendizado. Ao meu marido, José Valcide, que compreendeu a importância da graduação para minha vida e me apoiou por isso. E a minha filha, Maria Fernanda, por ser tão pequena e já me ensinar o que é ser forte.

A minha orientadora Allene Lage, por contribuir com a sua imensa sabedoria e conhecimento sobre a educação não escolar. Agradeço pela paciência e por cada momento riquíssimo no qual tive a oportunidade de estar ao seu lado.

Aos meus amigos da Federal, Islane Santos, José Davi e Karolayne Bezerra por dividirem comigo as angustias e felicidades que a Universidade nos reservou. As minhas amigas do trabalho, Ana Livia, Hohana Diniz e Jullyenne Holanda, que ouviam e contribuíaam nos momentos mais importantes até aqui.

Agradeço a todas e todos pelo incentivo e compreensão durante esses quase cinco anos de graduação!

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo"
(FREIRE 1979, p.84).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral estudar o coco de roda como prática educativa a partir das vivências na comunidade quilombola dos Timóteos, à luz da educação popular. Possui como objetivos específicos apresentar os princípios políticos e pedagógicos da educação quilombola, analisar as contribuições do coco de roda como uma prática educativa para o reconhecimento histórico da comunidade quilombola, relacionar a colaboração da Educação Popular para a formação do sujeito quilombola. Tem o seguinte problema: como o coco de roda é utilizado no âmbito das práticas educativas da comunidade quilombola dos Timóteos, à luz da educação popular? A fundamentação teórica é dividida em quatro partes, Quilombo e Educação Quilombola é construída por Cunha (2012), Macedo e Oliveira (1996), Rocha e Silva (2016); e Teixeira (2004). A segunda categoria é Práticas Educativas com o pensamento de Candau (2011), Freire (2005) e Souza (2009). A terceira é o Coco de Roda, dialogando entre Almeida (S/D), Ayala (1999), Andrade (1982), Diniz (1960), Souza (2007) e Pimentel (1978). E a última categoria é a Educação Popular com uma conversa entre Souza (1998), Gonsalves (1998) e Brandão (2006). Para responder aos objetivos, foi realizado uma pesquisa qualitativa de Minayo (2017), do tipo exploratória seguindo o pensamento de Piovesan e Temporini (1995), e explicativa de Gil (2002), estando atrelada ao Método de Caso Alargado Lage (2013), também ancorada pela pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002) havendo uma entrevista semi-estruturada de acordo com Laville & Dionne (1999) possuindo como sujeitos de pesquisa a representante do Quilombo, uma professora, e três integrantes do grupo de dança do coco, análise e sistematização de dados é contínua seguindo as orientações de Gil (2002). Concluímos que o coco de roda é trabalhado de maneira articulada aos saberes da comunidade, de forma a contribuir para o processo de aceitação dos indivíduos Quilombolas, quando utilizam esta dança para manifestar.

Palavras-chave: quilombola; dança; cultura; educação; tradição.

ABSTRACT

This research has the general objective of studying coco de roda as an educational practice based on experiences in the Quilombola community of Timóteos, in the light of popular education. Its specific objectives are to present the political and pedagogical principles of quilombola education, to analyze the contributions of coco de roda as an educational practice for the historical recognition of the quilombola community, to relate the collaboration of Popular Education to the formation of the quilombola subject. It has the following problem: how is coco de roda used in the educational practices of the Quilombola community of Timóteos, in the light of popular education? The theoretical foundation is divided into four parts, Quilombo and Quilombola Education is built by Cunha (2012), Macedo and Oliveira (1996), Rocha and Silva (2016); and Teixeira (2004). The second category is Educational Practices with the thinking of Candau (2011), Freire (2005) and Souza (2009). The third is Coco de Roda, dialoguing between Almeida (S/D), Ayala (1999), Andrade (1982), Diniz (1960), Souza (2007) and Pimentel (1978). And the last category is Popular Education with a conversation between Souza (1998), Gonsalves (1998) and Brandão (2006). In order to respond to the objectives, a qualitative research by Minayo (2017) was carried out, of the exploratory type following the thinking of Piovesan and Temporini (1995), and explanatory by Gil (2002), being linked to the Extended Case Method Lage (2013), also anchored by bibliographical research according to Gil (2002) with a semi-structured interview according to Laville & Dionne (1999) having as research subjects the Quilombo representative, a teacher, and three members of the coco dance group, analysis and data systematization is continuous following the guidelines of Gil (2002). We conclude that the coco de roda is worked in an articulated way with the knowledge of the community, in order to contribute to the process of acceptance of Quilombola individuals, when they use this dance to manifest.

Keywords: quilombola; dande; culture; education; tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quilombo e Educação Quilombola.....	42
Quadro 2 - Práticas Educativas.....	44
Quadro 3 - Coco de Roda.....	46
Quadro 4 - Educação Popular.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EP Educação Popular

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS.....	13
1.1	O CONTEXTO SOCIAL DO TEMA DE PESQUISA.....	13
1.2	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1	QUILOMBO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA.....	16
2.2	PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	19
2.3	COCO DE RODA.....	21
2.4	EDUCAÇÃO POPULAR.....	25
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	28
3.2	MÉTODO DA PESQUISA.....	28
3.3	DELIMITAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA.....	29
3.4	FONTES DE INFORMAÇÃO.....	29
3.5	TÉCNICA DE COLETA.....	30
3.6	ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS.....	30
4	O CASO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA DOS TIMÓTEOS.....	31
4.1	QUILOMBO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA.....	31
4.2	PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	33
4.3	COCO DE RODA.....	36
4.4	EDUCAÇÃO POPULAR.....	38
5	ANÁLISE DO CASO.....	42
6	CONCLUSÃO.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE A - ESTRUTURA DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DESTINADAS A TODOS OS ENTREVISTADOS.....	57
	APÊNDICE B - PERGUNTAS ESPECÍFICAS QUE VARIA DE ACORDO COM O SUJEITO DE PESQUISA.....	58
	ANEXO A - PERGUNTAS REALIZADAS AOS INDIVÍDUOS INDIVIDUALMENTE.....	59
	ANEXO B - PERGUNTAS DESTINADAS A TODOS OS PARTICIPANTES.....	60

1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

A presente pesquisa nasceu a partir das inquietudes ocasionadas pelos anos de vivência escolar, nos quais, percebe-se a falta de interesse pelos conteúdos afrodescendentes por parte dos educadores, já que raramente colocam conteúdos visando atender as necessidades de todos os estudantes sem distinções. Algo vivenciado em meu contexto familiar, tendo minhas origens enraizadas por seres quilombolas. Portanto, esse trabalho será importante para compreender as práticas educativas desenvolvidas na comunidade quilombola, visando observar a forma que o/a educador/a escolhe para transmitir os saberes por meio do coco de roda.

1.1. O CONTEXTO SOCIAL DO TEMA DA PESQUISA

As comunidades quilombolas são grupos coletivos, que surgiram no Brasil através da escravidão, onde muitos negros ao fugirem ou serem abolidos, escolhiam esses locais como um meio de preservar seus valores sociais e culturais diferenciados dos demais indivíduos presentes em nossa sociedade. As comunidades quilombolas de acordo com o “decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, são “grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2018, p. 10).

Em virtude disso, nosso objeto de pesquisa é a comunidade quilombola de São Benedito do Sul, localizado na Mata Sul pernambucana, pois ao ser inserido a prática educativas nessas comunidades, deve ser levado em consideração que a mesma é essencial para o desenvolvimento educacional em nosso país, visto que ela irá se atentar para as diferentes formas de como serão transmitidos os novos saberes para os alunos, usando como ponto crucial as características sociais em que cada região está localizada, para que assim, os educandos consigam absorver devidamente esses ensinamentos. De acordo com dados dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as práticas educativas mais eficientes são aquelas que fazem uma junção dos valores culturais característicos daquela região e do ambiente escolar, assim, as crianças desenvolvem um censo de associação entre a vida cotidiana e as concepções educacionais.

Deste modo, o coco de roda será relevante na construção da identidade de sujeitos críticos, posto que é necessário que haja uma percepção do/a educador/a na existência das

diversas formas de educação, e uma delas é a aplicação de exemplos de atividades frequentes no cotidiano em que cada pessoa está localizada, interligando suas ferramentas ou frutos do seu trabalho, com intuito de aproximar os saberes populares com o saber científico. Já que além de ensinar as crianças e adultos, é necessário criar estratégias para que os mesmos se tornem mentes reflexivas, e conseqüentemente mentes críticas com relação à política, economia e direitos individuais e coletivos, isto é, despertar nos estudantes o desejo de participarem ativamente das lutas que irão favorecer seu grupo social. Dessa forma, o coco de roda proporciona uma junção entre os saberes científicos com os populares, como cantigas, danças e histórias presentes na cultura africana.

Portanto, a educação na comunidade quilombola deverá ser vista de forma integral, isto é, que não há apenas as transmissões de conteúdo, passando a ponderar sobre o processo de ensino e aprendizagem, de modo a construir conhecimentos de acordo com os contextos históricos de cada pessoa, com isso, a educação passa a avaliar o/a estudante enquanto cidadãos, posto que nas práticas educativas não seja levado em consideração a apenas um fator específico, mas uma junção de vários aspectos. No entanto, para que isso aconteça é necessário que o/a responsável pela ciranda se torne crítico/a com relação ao seu trabalho, pois deverá ter a liberdade de usufruir e de expor seus conhecimentos científicos, artísticos e populares, para utilizá-los como diferentes métodos de ensino.

Tornando assim, uma prática pedagógica reflexiva para o educador/a e para o/a educando, em que as situações didáticas envolvidas no cotidiano da comunidade quilombola seja um reflexo das diferenças culturais e sociais presentes em nossa sociedade. Deste modo, surge o seguinte problema: Como o coco de roda é utilizado no âmbito das práticas educativas da comunidade quilombola dos Timóteos, à luz da educação popular?

Acreditamos haver uma interação marcada pelo diálogo entre os participantes do coco de roda e o educador, e que através dessa conversa percebe-se quais temas são favoráveis e quais são inaptos para serem abordados nas comunidades quilombolas, levando em consideração as especificidades dessa região. Portanto, seria relevante que o coco de roda possa ser visto como uma prática educativa nessa comunidade, e que ele atuasse de forma incisiva na formação de indivíduos enquanto seres críticos, com relação ao seu comprometimento com o bem-estar da sociedade e de reconhecimento de sua própria cultura e historicidade.

1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo principal desta pesquisa é estudar o coco de roda como prática educativa a partir das vivências na comunidade quilombola dos Timóteos, à luz da educação popular.

Entre os objetivos específicos, podemos destacar os seguintes:

- Apresentar os princípios políticos e pedagógicos da Educação Quilombola;
- Analisar as contribuições do coco de roda como uma prática educativa para o reconhecimento histórico da comunidade quilombola.
- Relacionar as contribuições da Educação Popular para a formação do sujeito quilombola.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base do pensamento teórico deste exercício de pesquisa com relação a categoria Quilombo e Educação Quilombola é construída por Cunha (2012), Macedo e Oliveira (1996), Rocha e Silva (2016); e Teixeira (2004). A categoria teórica Práticas Educativas tem o pensamento de Candau (2011), Freire (2005) e Souza (2009). Já o Coko de Roda, tem um diálogo entre Almeida (S/D), Ayala (1999), Andrade (1982), Diniz (1960), Souza (2007) e Pimentel (1978). Na Educação Popular há uma conversa com Souza (1998), Gonsalves (1998) e Brandão (2006).

2.1. QUILOMBO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Atualmente vivemos em uma sociedade caracterizada por fatores hegemônicos, em que a cultura dos nossos descendentes é constantemente apagada pelas formas opressoras da sociedade hierárquica que dispõe de vários métodos para impedir a emancipação dos sujeitos. Por isso, é notável a escassez de comunidades quilombolas mediante aos acontecimentos vivenciados há várias décadas.

No entanto, o Brasil é um país caracterizado pela miscigenação devido à invasão das terras brasileiras pelos europeus desde o ano de 1500, por decorrência deste acontecimento, o país passou por uma colonização dos povos nativos até os povos africanos trazidos por esses invasores para serem escravizados. Em virtude disso, “somos um povo formado das relações que povos diferentes estabeleceram entre si” (TEIXEIRA, 2004, p. 23). De fato, o povo brasileiro é composto por uma mistura de raças advindas do processo de colonização. Diante desse processo, pessoas negras foram submetidas ao processo de escravização, e vivendo à mercê da brutalidade dos senhores de engenhos que se consideravam as/os “donas/os” do povo negro. Lutaram bravamente por sua liberdade, promovendo uma resistência coletiva com as fugas e a implantação dos lugares de refúgio denominados quilombos.

De acordo com esse pensamento, Macedo e Oliveira destacam que:

Quando os escravos fugitivos se agrupavam num mesmo local, em geral afastado das fazendas e cidades, surgia um mocambo, ou como conhecido, um quilombo. Os quilombos, portanto, foram exemplos da capacidade de organização e resistência dos explorados em todo o período em que houve escravidão no Brasil. Em torno das aldeias que integravam um quilombo eram construídas cercas para protegê-lo de possíveis ataques. Nesses centros de resistência, os africanos desenvolviam agricultura e pecuária, trabalhando para o próprio consumo. Em seu interior havia

chefes, culto religioso e uma vida social baseada na igualdade e solidariedade (MACEDO e OLIVEIRA, 1996, p.100).

Sendo assim, a vida no quilombo pode ser caracterizada como uma forma de resistência de quem foi escravizado para ter uma chance de viver sua cultura, plantando, criando e iniciando suas crenças, formando uma comunidade, em suma, vivendo a sua própria liberdade. Quando se instalavam no quilombo, o povo negro voltava as suas raízes vivendo em sociedade algo que para eles anteriormente não era possível.

Como é do conhecimento de muitos, o quilombo mais famoso foi o Quilombo dos Palmares considerado o maior refúgio das pessoas escravizadas aqui no Brasil, e ainda conhecido como o maior exemplo de resistência contra a opressão provinda da escravidão, tendo como líder Zumbi dos Palmares, nome que até hoje soa forte por seu exemplo de bravura e destemor.

No que se refere às comunidades remanescentes dos quilombos, podemos observar que com elas a resistência contra o racismo e o preconceito é uma forma de luta das pessoas negras para o reconhecimento de sua cultura e identidade. Nesse sentido, essas pequenas comunidades surgem de uma luta travada por um povo sofrido desejando se emancipar, para ter direito à liberdade e ao exercício da cidadania, em uma sociedade totalmente preconceituosa diante da cultura afrodescendente.

Portanto, precisamos rever nossos conceitos diante dessas culturas que são importantes na construção da própria cultura brasileira, inserindo-se na busca de oportunidades dentro de um espaço, onde o sujeito é capaz de interagir em um meio social e cultural, buscando uma forma de aprender e passar seus conhecimentos para suas futuras gerações. Sendo assim, “o conceito de quilombos na atualidade cita uma formulação guiada pelos conceitos de patrimônios materiais e imateriais, sendo definido e reconhecido com base na cultura quilombola” (CUNHA, 2012, p. 158).

De acordo com esse pensamento, constatamos que essas comunidades, através da educação lutam por sua história, cultura e por valores dentro de uma educação manchada por desigualdades e fatores contraditórios a uma forma de educação justa e igualitária. Uma vez que, os valores materiais e imateriais estão representados por patrimônios éticos culturais de sujeitos capazes de conhecer e valorizar sua arte nesse processo filosófico e cultural.

A educação quilombola se destaca pela formação de sujeitos críticos e inerentes à sua cultura, buscando a importância da sua própria história e identidade, atribuindo a valores sociais culturais e éticos, dentro de uma sociedade capitalista e opressora, vale salientar que a educação

quilombola em sua totalidade acontece fora do ambiente escolar, mas é bem verdade que a educação escolar quilombola também pode auxiliar nessa construção de conhecimento.

Consolidando este pensamento Rocha e Silva, enfatizam que:

O modelo de educação para os quilombolas se fortaleceu com a realização do Primeiro Seminário Nacional de Educação Escolar Quilombola, ocorrido em Brasília, em novembro de 2010, que contou com a participação de 240 pessoas, entre as quais pesquisadores, professores e lideranças quilombolas. Posteriormente foram realizadas três audiências públicas, a primeira no Maranhão, a segunda na Bahia e a terceira em Brasília, a fim de consolidar a discussão em torno dos conteúdos do Plano Nacional de Educação Quilombola, bem como de suas diretrizes (ROCHA e SILVA, 2016, p. 83).

Diante desse contexto, afirmamos que a Educação Escolar Quilombola teve discussão envolvendo profissionais capacitados a compreender a formação da/o sujeita/o através de uma cultura estabelecida em seus conceitos voltada para princípios e valores de uma educação básica. Portanto, é válido salientar que alguns profissionais da educação juntamente com líderes quilombolas resistem aos processos educativos onde não são incluídos a cultura do povo negro na construção de sujeitos críticos e conhecedores de seus direitos no que diz respeito ao conhecimento de berço e formação.

Segundo Rocha e Silva “a Educação Escolar Quilombola comprometida com as lutas, deve promover atividades educativas que deverão ter por base uma postura revolucionária, romper com os interesses burgueses e impor-se como práxis transformadoras dos interesses dos homens” (ROCHA e SILVA, 2016, p.88). Sendo assim, a escola na própria comunidade quilombola destaca-se através de atribuições ligadas ao educador e seus estudantes, interagindo de forma harmoniosa compreendendo a importância da cultura local da família e religiosidade num contexto histórico e social que exercita seus aprendizados reconstruindo a resiliência de novos significados para um povo oprimido. Nesse sentido percebe-se a relevância de uma educação emancipadora que proporciona conhecimentos, conforme o modo de vida condizente a realidade de tais comunidades.

Ao estar articulada a um sistema de educação capitalista e opressor a educação quilombola está à mercê de um plano educacional que não visa interesses da cultura local, mesmo estando articulada ao currículo, os métodos de ensino fogem da realidade dos indivíduos e das indivíduos inseridos nas comunidades remanescentes dos quilombos.

Diante disso, precisamos observar com olhar transformador as atividades que são desenvolvidas para que de fato possamos atribuir significados aos quilombos e sua ideologia subjacente ao desejo de libertação e construção de um referencial de sua identidade histórica e social, valendo-se de conhecimentos da natureza, do ser humano e da religiosidade, articulando o interesse por dias melhores através da luta constante contra a hegemonia cultural que não permite a emancipação desses sujeitos.

2.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS

As Práticas Educativas realizadas em nossa atualidade são realizadas por dois meios, a educação Formal, realizado por instituições escolares, e não formal, por meio de entidades não escolares, com isso, iremos especificar nessa pesquisa a educação não escolar. Em que, o Movimento Quilombola utiliza-se como forma de ensino os saberes populares da localidade, que é passado de geração a geração.

Nesse sentido, alguns autores discutem o tema de Práticas Educativas como uma questão crucial para o desenvolvimento educacional em nosso país, como o pensamento de Candau (2011) em que, o educador e educadora precisam está comprometidos em reconhecer os saberes produzidos pelos sujeitos da comunidade em que a escola está inserida, devendo adotar uma perspectiva compartilhada da docência, onde sua prática deve se desenvolver a partir da relação com os atores da comunidade e suas demandas por uma justiça cognitiva, já que o conhecimento científico sempre foi visto com superior aos conhecimentos do senso comum.

Portanto, a junção de saberes populares com os saberes científicos proporciona na comunidade quilombola a oportunidade de compartilhamento de experiências educativas fora das escolas. E com isso, cabe aos educadores em seus métodos de ensino, e o Movimento Quilombola, a respeitarem e acolherem a diversidade de saberes e culturas que está presente dentro de cada comunidade, sem distinção de superioridade ou preconceitos. Pois, a melhor forma de uma criança absorver devidamente determinados assuntos, é se associá-los com o dia a dia de sua comunidade.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Souza ressalta em sua obra que:

A *práxis pedagógica*, portanto, é interrelação de práticas de sujeitos que desejam ser educados (sujeitos em formação) respondendo aos requerimentos de uma determinada sociedade em um momento determinado de sua história, produzindo conhecimentos que ajudem a compreender e atuar nessa mesma sociedade e na realização humana de seus sujeitos. Não esquecer, que esses requerimentos são contraditórios, conflitivos,

ambíguos, mas também cheios de possibilidades e probabilidades. (SOUZA, 2009, p.29)

Assim sendo, a práxis pedagógica que aqui entendemos como práxis educativa, está ligado diretamente aos saberes dos educandos e educandas, na qual, é formada a partir das suas vivências com um determinado grupo social. Então, a nossa sociedade é composta por uma pluralidade de seres, onde cada coletividade tem as suas especificidades a serem analisadas e observadas, pois cada um desses grupos, deve ter uma Prática Educativa voltada para o seu público. Logo, os Movimentos Quilombolas tendem a desenvolverem uma educação pautada na cultura e nas tradições africanas, pois para essas comunidades, é necessário realizar a junção entre os saberes populares, com os saberes científicos. No entanto, realizar esse tipo de prática é um tanto desafiador, mas que segundo Souza, rico em possibilidades de ensino.

Corroborando assim com Freire, quando em sua obra:

Os oprimidos, nos vários momentos de libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação antológica e histórica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, condiz com a prática... está se fará autêntica práxis se o saber dela realmente se faz objeto de reflexão crítica. É neste sentido que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida (FREIRE, 2005, p. 59)

De fato, homens e mulheres sendo seres que está em uma busca constante de humanizar-se, acabam percebendo quão maléfico é utilização de uma educação bancária, e com isso, se empenham em se libertar dessa educação. Mas só é possível quando há pessoas que possibilitem a abertura de humanização do educador e educando. Portanto, os movimentos sociais têm como dever proporcionar aos seus integrantes esse tipo de educação, para que ele possa ter a percepção de que a educação não é uma mão de via única, e sim uma união de saberes entre todos os envolvidos na educação. Desse modo, nas comunidades quilombolas se faz necessário um aprofundamento da conscientização sobre a sua cultura e história, e a partir daí, haverá um esforço reflexivo crítico sobre suas condições de vida, para que posteriormente ele possa colocar essa ação reflexiva, em prática no seu convívio social. E nesse sentido, é essencial que a prática educativa do instrutor constitua, por meio da nova razão adquirida, a consciência revolucionária e a libertação dos seres.

Pela razão disso, compreendemos a educação de forma mais ampla, em que a mesma não está limitada unicamente em locais escolares, pois os movimentos sociais utilizam os espaços não formais para trabalhar os ensinamentos junto aos indivíduos e indivíduos de acordo com os valores aprendidos nesses locais. Com isso, ao chegar nas comunidades haverá diversos tipos de saberes que devem ser respeitados, e não menosprezados. Posto, que há diversos tipos de valores presente em nossa sociedade, portanto, as escolas Quilombolas se preocupam em realizar uma prática educativa voltada para a valorização dos aspectos culturais e sociais de sua comunidade.

Convergente com o mesmo pensamento Souza (2009) relata que:

Nesse sentido, a Pedagogia, como campo de saber que toma como seu objeto o fenômeno social de formação humana de sujeito humano, denominado Educação, é uma reflexão e, conseqüente, teoria dos problemas socioeducacionais, de suas possibilidades e limites, bem como das exigências a serem enfrentadas na prática educativa, ou mais adequadamente e de forma específica, na Práxis Pedagógica. (SOUZA, 2009, p.33)

Realmente, a práxis pedagógica se remete a uma ação coletiva de algumas instituições educacionais, como escola, igreja, família, entre outros. Em prol de contribuir para a construção do conhecimento que possibilitem o amadurecimento dos indivíduos enquanto o crescimento humano dos mesmos. Então, as questões sociais e culturais interfere diretamente no que diz respeito a educação nos movimentos sociais, dado que será por meio desses valores adquiridos em meio a sociedade, que iremos construir saberes que contribuam para a conscientização dos problemas e virtudes existentes nas mesmas. Contudo, para que isso aconteça, é necessária uma conscientização por parte dos educadores para incluírem esses aspectos no cotidiano dos integrantes da localidade.

Por certo, dentro das práticas educativas seria muito importante a utilização de métodos pedagógicos que visem uma avaliação dos indivíduos, levando em consideração os aspectos culturais e histórico de cada indivíduo. Onde possa haver uma troca de saberes de cada componente daquela localidade. Portanto, as Práticas Educativas no movimento social devem ser pautadas no diálogo e respeito entre todos os saberes.

2.3 COCO DE RODA

A cultura afro-brasileira é cheia de diversidades em manifestações culturais, o coco de roda é uma dessas manifestações culturais, que sofreu muitas influências africanas e indígenas, e que possivelmente surgiu no Nordeste, sendo assim “um gênero performativo específico ao

Nordeste do Brasil, que alicerçado em paradigmas extramusicais, configura-se por meio de complexa rede de relações sociais” (SOUZA, 2007, p. 12). O coco de roda e a ciranda equivalem a uma forma de identidade cultural, bem como um meio de desenvolver valores culturais que transmitem valores identitários e que nos remete as especificidades quilombola.

É por meio da música e do coco de roda, que as comunidades se reafirmam e se mantêm construindo a sua identidade quilombola, bem como na sobrevivência da tradição que se pretende passar de gerações a gerações, e principalmente do reconhecimento de ser pertencente aquela comunidade como sujeito cultural e histórico.

O coco segundo Ayala (1999, p.232) por ser uma manifestação cultural diversificada e típica do Nordeste, afirma que não é fácil defini-lo, pois cada lugar empresta ao seu coco características que o tornam singular dentre os demais. Ou seja, cada região vai ter suas especificidades relacionadas à forma de desenvolver o coco de roda e até mesmo de designação relacionada ao nome ao qual é chamado.

Corroborando com essa variação em relação à nomenclatura do coco de roda, de acordo com Mário de Andrade (1982) em sua obra “Literatura dos cocos”, ele nos afirma que:

Antes de mais nada convém notar que como todas as nossas formas populares de conjunto das artes do tempo, isto é, cantos orquestricos em que a música, a poesia e a dança vivem intimamente ligadas, o coco anda por aí dando nome pra muita coisa distinta. Pelo emprego da palavra é meio difícil a gente saber o que é coco bem. O mesmo se dá com ‘moda’, ‘samba’, ‘maxixe’, ‘tango’, ‘catira’ ou ‘cateretê’, ‘martelo’, ‘embolada’ e outras. [...] Coco também é uma palavra vaga assim, e mais ou menos chega a se confundir com toada e moda, isto é, designa um canto de caráter extra urbano. Pelo menos o que afirmou um dos meus colaboradores que muita toada é chamada de coco (ANDRADE, 1982, p.346)

Vemos assim, que o coco de roda por ter fortes influências africanas, indígenas e por representar uma manifestação da escravatura, e que sofre muitas nomenclaturas dependendo de região para região, alguns lugares chamam o coco de roda de ciranda, o que é mais uma variação dessa diversidade da dança popular quilombola.

O coco de roda como dito, tem influências africanas e indígenas, originário do Nordeste nos estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco e se espalhando pelo litoral. A pesquisadora Roseana Almeida, em um de seus trabalhos traz um pouco da originalidade do coco, sendo então que:

[...] a dança teria surgido no Quilombo dos Palmares, com o barulho que os cocos provocavam ao serem quebrados nas pedras, um som que convidava os negros a dançarem. Com o tempo, esse ruído natural foi substituído pelo som de palmas com as mãos encovadas, dançado por pares de casais dispostos em roda, trocando umbigadas entre si e com os casais vizinhos (ALMEIDA, S/D, p. 6)

Desse modo, o coco de roda apresenta um aspecto histórico e sócio cultural, que perpassa as comunidades quilombolas como formas de identidades e de educação pelos saberes e conhecimento transmitidos por meio do coco de roda. Altimar Pimentel (1978) descreve a manifestação cultural do coco de roda da seguinte forma:

É formada uma roda de dançarinos que gira da direita para a esquerda enquanto repete em coro a “resposta” de coco “tirado” pelo solista. Ao mesmo tempo os da roda, marcam com uma pisada forte de ambos os pés a sílaba tônica final do verso, e meneam o corpo ora para direita ora para esquerda. No centro da roda dois ou mais coqueiros (ou coquistas) trocam umbigadas podendo ou não formar casais (PIMENTEL, 1978, p.13).

O coco de roda é uma dança própria de cada comunidade, que tem seus próprios passos, gingados e sua própria música, o modo como dançam em círculos, cantando e batendo os pés e batendo palmas, são características culturais. Trazendo vários elementos das vivências da comunidade, bem como de críticas sociais em relação aos momentos que a cultura quilombola passou e passa até hoje, por isso cada comunidade tem sua própria identidade cultural ao realizar o coco de roda.

Por ser reconhecida como uma expressão popular de um determinado povo e pelas fortes influências no seu contexto o coco de roda ainda é um campo que sofre com a escassez em relação a estudos e pesquisas direcionados para o mesmo. Quando falamos em coco de roda, também falamos em ciranda, que é uma extensão do coco de roda. Alguns estudiosos fazem uma articulação entre o coco de roda e ciranda, justamente por representarem as vivências dos grupos praticantes.

Ademais, “quando nos referimos a essas duas manifestações de música, canto e dança, é preciso lembrar que estamos diante de duas brincadeiras que, em geral, são encontradas juntas, pois no decorrer do coco também se dança a ciranda” (AYALA E NOVAIS, 2000, p. 10), ou seja, são duas formas de expressão cultural de cada comunidade que se entrelaçam e que fazem parte uma da outra, podendo em algumas comunidades ser chamada de coco de roda ou de ciranda.

É justamente essa variação de denominação que os folcloristas buscam apresentar em seus estudos, pois, são manifestações culturais que são expressas de formas diferentes de uma região para outra, porém ambas objetivam a expressão da cultura popular. Deste modo, “a ciranda foi categorizada como “uma expressão popular – genuína dança do povo” praticada por

trabalhadores rurais, pescadores de mangue e de mar, operários de construção não especializados e biscateiros” (DINIZ, 1960, p. 15). Neste sentido, a ciranda faz parte de uma identidade e expressão popular de um determinado povo, que utilizavam a mesma como forma de comemoração e de expressão cultural popular. Ao espalha-se pelo país, a ciranda acabou sendo associada às crianças, as rodas infantis dependendo do estado. Porém, como visto por alguns pesquisadores, em Pernambuco e em outros estados onde a cultura quilombola é mais presente, ainda é considerada uma dança de roda para adultos.

Dessa maneira, a dança tem sido utilizada com “um elemento integrador e também como componente de uma afirmação de uma identidade cultural” (AYALA E NOVAIS, 2000). Fazendo com que os praticantes da comunidade possam socializar suas experiências, tal como uma forma de lazer e de consciência no reconhecimento de sua própria história

Portanto é notório que o Brasil por ser um país de grande miscigenação cultural e étnico racial, com matrizes africanas e indígenas fica quase impossível destacar a maior influência de uma sobre a outra, uma vez que ambas constituíram essa expressividade e diversidade cultural que se tem nas comunidades quilombolas. Vemos também a falta de pesquisas sobre a temática do coco de roda nas comunidades, que é um elemento cultural e identitário das comunidades quilombolas, que é a forma com a qual encontram para deixar acesas suas origens e raízes e perpassando essa cultura para os mais novos, sempre procurando pauta-se nas lutas sofridas e pelo reconhecimento de sua própria história.

Ressaltando que a forma com a qual a comunidade realiza e desenvolve o coco de roda é uma forma de educação, de prática pedagógica que está ligada com a raízes, com a cultura do local que estão inseridos e que cada comunidade quilombola tem a sua própria dinâmica de realiza-la, ficando a critério de cada localidade de como desenvolver o coco de roda. Lembrando que as raízes regionais e culturais da comunidade fazem toda diferença, pois possuem uma essência própria que perpassa de geração em geração, e que tem por finalidade manter a identidade cultural do povo quilombola ativa e reconhecida, bem como, possibilitar a visibilidade em relação à expressão popular específica da comunidade.

Assim, o coco de roda é uma expressividade cultural popular do Brasil que precisa ganhar mais destaque e reconhecimento, e não apenas ser folclorizada como acontece na maioria das vezes, é a cultura de um povo que passou por muitas lutas no sistema escravocrata para ter a expressividade que tem hoje e que passa por constantes batalhas de reconhecimento na sociedade, necessitando assim, ganhar mais visibilidade em relação a ambientes de estudos e de pesquisas, pois é um movimento cultural e popular muito rico.

2.4. EDUCAÇÃO POPULAR

A nossa atualidade é composta por uma hegemonia de saberes, sendo adquiridos a partir do contanto com outro ser. Por isso, a Educação Popular (EP) utiliza das características sociais variáveis de acordo com as necessidades de cada povo e região, para poder estimular a criticidade de cada ser, tendo como mediação um educador ou educadora que contribua pela emancipação dos mesmos. Já que é “tarefa dos educadores populares o envolvimento na construção das bases de um pensamento crítico-hermenêutico-transformador e sua ação para efetivar os conteúdos de esperança” (SOUZA, 1998, p. 14).

Assim, João Francisco de Souza traz consigo a importância das relações coletivas, construídas a partir das vivências em espaços que possibilitem a formulação de práticas educativas dentro da dimensão popular. Voltadas para as classes sociais mais populares, a Educação Popular vem contribuir na construção de sujeitos e sujeitas com mentalidade crítica, capazes de construir uma reflexão crítica a respeito à realidade social, estimulando uma luta pela melhoria das classes sociais, impondo a presença dessa população menos favorecida ao direito da democracia. Posto que para Souza,

Nessa perspectiva se desenha como exigência fundamental da EP o fortalecimento da dimensão pedagógica das ações coletivas ou dos movimentos sociais. Deseja-se que os processos de EP contribuam efetivamente para a construção de um poder ético a partir das lutas e da solidariedade que podem garantir a integração social, reduzir o ímpeto avassalador do processo de inclusão perversa da maioria da população na ordem nacional e mundial, permitir assim o avanço das condições da democracia (SOUZA, 1998, p. 15).

Portanto, podemos dizer que a EP opera na construção do fortalecimento das forças coletivas, onde se preocupa com os resultados obtidos a partir das ações pensadas em grupo, que resultaria em uma melhoria social. Entretanto, apesar de termos em nossa sociedade frutos consideráveis adquiridos por meio dessa educação, sabemos que as vezes os próprios educadores desconsideram a importância de utilizar dos saberes empíricos ao dialogar com os demais conhecimentos, havendo uma desapropriação dessa característica que é marcante dentro da Educação Popular. Algo dito por Souza ao dizer que,

As práticas de EP proporcionaram a construção de uma ocupação coletiva com a idéia de qualidade social do trabalho educativo e uma maior preocupação com a efetividade dos resultados obtidos pelos participantes dos projetos. E, por outro lado, revelaram que, mesmo tendo a convicção de que é preciso trabalhar a partir das necessidades das pessoas, nem sempre foram desenvolvidos os dispositivos metodológicos adequados para garantir processos de aprendizagem que indicam diálogo de saberes e sistematização do conhecimento (SOUZA, 1998, p. 16).

Ainda de acordo com Souza (1998), a trajetória da Educação Popular está entrelaçada a princípios que visam a participação do indivíduo e da indivíduo, com intuito de instruir saberes teóricos e práticos que possibilitem a resolução de determinados problemas sociais. Dessa maneira, podemos dizer que a EP está ligada a qualquer vertente educacional, sendo realizada fora das escolas com o que chamamos de educação não escolar. Podendo ser de punho religioso ou político, resultando na formação de ideias que possibilitem o bem-estar social. Por isso, fala-se tanto em coletividade, pois é a partir dela que o sujeito terá conhecimento e força suficiente para lutar por seus ideais. Como João Francisco de Souza vai dizer que,

A pessoa ou sujeito individual sendo uma intersubjetividade, funda o fazer dos movimentos sociais populares, sejam eles amplos ou restritos, políticos ou de massa cristão ou ateus, mistos ou temáticos. Neste sentido, a pessoa adquire o *status de noção e sujeito* de um processo de democratização capaz de decidir, coletivamente, a modernidade a ser construída. Ganha importância crescente, nessa perspectiva, as questões mais essenciais da exigência humana: o pensar, o fazer e o sentir. Abrem-se outros horizontes, ao tempo em que se tentam superar as barreiras das diferenças, racionalidades, especialidades, religiões e meios sociais numa convivência plural. (SOUZA, 1998, p. 27)

Assim, vê-se a Educação Popular como uma prática educativa voltada para as classes sociais mais populares, por trazer conhecimentos que são intrínsecas ao cotidiano dessas pessoas. Fazendo com que esses saberes próprios sejam utilizados em prol de uma melhoria individual, pois primeiro há uma reflexão crítica sobre a sua realidade, para posteriormente haver uma melhoria social. Por meio do nosso entendimento enquanto cidadãos que surgirá o sentimento de inquietude e conseqüentemente, busca-se formas de mudar essa realidade. Com isso, a coletividade é tão importante, sendo por meio dessa organização pensada por pessoas populares, é que acontece as lutas pela melhoria.

É bastante difundida a idéia de que a Educação Popular é um processo político-pedagógico realizado na sociedade civil, que permite à classe subalterna elaborar e divulgar uma concepção de mundo que lhe é própria, vinculada organicamente a interesses de classes, que abarcam desde uma revolução socialista até modestas melhorias nas condições de vida. Assim, a busca de um significado mais preciso para a EP tem sido associada à necessidade de explicitar, junto às camadas populares, a sua condição de subalternidade e as potencialidades transformadoras inerentes a essa condição.

Deve-se ressaltar que a identidade da EP está atrelada à opção pelo fortalecimento das organizações e movimentos gestados pelos setores populares, trabalhando coletivamente para o desenvolvimento de condições subjetivas que possibilitem a construção do sujeito capaz de alcançar sua emancipação. Para a EP, a organização é ao mesmo tempo um objetivo e um meio. (GONSALVES, 1998, p. 214)

Sendo assim, em resumo Brandão (2006) vem dizendo que a educação popular é vista como uma extensão da escola, em que os saberes adquiridos estão fora do domínio da educação escolar, onde outros saberes se difundem. E com isso, é relevante a formação de estratégias por

parte dos educadores e das educadoras para introduzir a sociedade na participação da educação dos/as estudantes, pois assim, terá uma junção de saberes sociais, adquirida de acordo com o convívio em sociedade, e os ensinamentos absorvidos no cotidiano escolar.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa está fundamentada sob uma perspectiva de abordagem qualitativa, visto que os dados colhidos serão identificados e analisados buscando uma análise do caso, e não apenas uma verificação numérica. Dessa forma, para Minayo uma pesquisa é qualitativa porque “trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas” (MINAYO, 2017, p. 2). Posto que haverá uma detecção dos hábitos, comportamentos dos educadores e as práticas de ensino, possibilitando a detecção das características do Movimento Social e suas formas educacionais através das falas de participantes da pesquisa.

3.1. TIPO DE ESTUDO

A pesquisa é do tipo exploratória e explicativa. Exploratória, pois segundo Piovesan e Temporini “leva o pesquisador, frequentemente, à descoberta de enfoques, percepções e terminologias novas para ele, contribuindo para que, paulatinamente, seu próprio modo de pensar seja modificado. Isto significa que ele, progressivamente, vai ajustando suas percepções à percepção dos entrevistados” (PIOVESAN e TEMPORINI, 1995, p. 321). E explicativa, porque há uma identificação nas ações que contribuem para o processo de construção de luta e resistência por meio dos métodos educativos. Dessa maneira, tem a “preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. (GIL, 2002, p. 42)

3.2. MÉTODO DA PESQUISA

A presente pesquisa está fundamentada da forma qualitativa e atrelada a ela temos o Método de Caso Alargado, pois nos possibilitará ampliar nosso entendimento acerca do nosso objetivo de pesquisa. Uma vez que iremos aprofundar ao adentrar um pouco na realidade social de um movimento quilombola, bem como ter acesso a informações fundamentais dessa sociedade. Já que segundo Lage,

O Método de Caso Alargado propicia uma conclusão de maior profundidade sobre a investigação realizada, incluindo não apenas sobre os casos de estudos isoladamente ou comparados, mas porque oferece uma estrutura metodológica capaz de ampliar o

espectro das reflexões, amplia o universo da análise, de modo que esta possa discorrer acerca de questões importantes relacionadas com o tema presente na sociedade (LAGE, 2013, p.56).

Nessa direção, o coco de roda como prática educativa, têm uma importante contribuição para uma educação que leva em consideração a realidade de cada sujeito, dado que a valorização das comunidades quilombolas emerge do reconhecimento das atividades realizadas com as sujeitas e os sujeitos da própria comunidade. Portanto, essa temática de estudo nos traz reflexões acerca da luta de um povo que busca pela emancipação e a educação pautada nos movimentos sociais, é o viés que oportuniza o reencontro dos quilombolas com suas práticas educativas e suas origens.

3.3 DELIMITAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA

Delimitamos nossa pesquisa na comunidade quilombola dos Timóteos, em que a escolha se deu através da curiosidade de saber como é realizada a dança do coco de roda, e como a mesma influencia na formação dos indivíduos pertencentes a esta comunidade. Sabendo que o quilombo é o maior símbolo de resistência contra a escravidão, a principal característica que nos impulsionou escolher essa temática foi à influência do povo negro na construção cultural da história do nosso país e também o não reconhecimento desses heróis na luta pelo direito ao seu modo de vida. Portanto, é nesse contexto de luta pela emancipação, pelo reconhecimento, pela educação das comunidades remanescentes dos quilombos que a nossa pesquisa está delimitada.

3.4. FONTES DE INFORMAÇÃO

Para a realização da presente pesquisa, foi necessário entrar em contato com algumas fontes de informações. Sendo assim, entramos em contato com a representante da comunidade Quilombola dos Timóteos de São Benedito do Sul –PE, algumas educadoras e adolescentes da comunidade, sendo suas participações importantes para o desenvolvimento e avanço na construção de nossa pesquisa.

3.5. TÉCNICAS DE COLETA

Optamos pela pesquisa bibliográfica, pois “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Nos possibilitando conciliar essa parte teórica com as falas dos sujeitos pertencentes ao movimento quilombola que irão responder as entrevistas. Sendo essa uma das técnicas de coleta, onde Laville e Dionne afirmam que a mesma é uma “técnica de coleta da informação pela qual o pesquisador recolhe oralmente o testemunho dos participantes” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 333). Para que possamos adquirir uma maior compreensão sobre o nosso campo de pesquisa por meio de discursos estabelecidos entre a entrevistadora e os entrevistados.

Assim, a mesma é uma entrevista semi-estruturada por acreditar que seja uma “série de perguntas abertas feitas oralmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador tem a possibilidade de acrescentar questões de acréscimos” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 333). Deixando em abertos possíveis esclarecimentos sobre determinados temas que poderão surgir no decorrer da entrevista, a mesma ocorreu de forma online, já que possuímos ferramentas digitais que facilitam essa dinâmica, cabe salientar que a forma escolhida foi mediante as necessidades dos entrevistados.

3.6. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

O processo de análise e sistematização de dados será contínua, onde Gil diz que,

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados (Bardin, s. d.).(GIL, 2002, p. 89).

Assim, a análise é uma junção de ações que iniciam muito antes da coleta de dados. Nos proporcionando conciliar o que discutimos na teoria, a sua organização e os dados obtidos no decorrer da entrevista. Possibilitando ao entrevistador uma melhor compreensão ao desenvolvê-la, uma vez que podemos entrar no campo de pesquisa por inúmeras formas, através de documentos bibliográficos e pelas falas dos entrevistados.

4.0 CASO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA DOS TIMÓTEOS

A Comunidade Quilombola dos Timóteos está localizada na zona rural do município de São Benedito do Sul, Mata Sul pernambucana, a mesma tem um quantitativo mediano de 70 famílias habitando neste quilombo. Em prol de responder aos objetivos desta pesquisa, tivemos a participação de Dandara, 55 anos de idade, residente nessa mesma cidade desde criança, tendo o contato com o Quilombo após se interessar por Educação Popular. A próxima entrevistada é a única professora da escola dessa comunidade, Luiza possui 51 anos de idade, dedicou 20 anos à docência nessa região, mas só há um ano atua nessa escola. Teve a participação de Tereza, com 67 anos de idade, participante e líder do grupo de dança de coco. Além dessas, participaram também Mariana com 15 anos de idade, Anastácia de 38 anos e Zeferina possuindo 32 anos de idade, ambas participantes do grupo de dança do coco. Cabe salientar que todos os nomes são fictícios, escolhidos por representarem às mulheres que dedicaram suas vidas lutando por melhorias para a população negra no decorrer da nossa história.

4.1. QUILOMBO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

A reflexão crítica de fatos históricos revela o porquê do quilombo e a educação quilombola serem reconhecidos como um símbolo de resistência que permitem a estes sujeitos e sujeitas o seu reconhecimento como seres pertencentes do Quilombo. Além disso, é importante ressaltar a origem dessa comunidade, dado que segundo Dandara se originou através “de negros que fugiam do Quilombo dos Palmares. Eles vinham fugidos e ficavam junto com os índios que tinham aqui. E dessa junção resultou no Quilombo dos Timóteos, que só recentemente com a vinda do IBGE ao realizar o censo foi que cadastrou como quilombola” (DANDARA, Representante da Comunidade Quilombola dos Timóteos, entrevista, 05/01/2023).

De fato, o reconhecimento é fundamental para crescimento das sujeitas e sujeitos na construção do exercício da cultura local baseada nas raízes afrodescendentes, pois através da autoaceitação de sua identidade, os humanos tornam-se sujeitos emancipados e vão à luta para compreender sua própria história. Dessa forma, em virtude do conhecimento e da aceitação de sua cultura esses quilombolas trabalham em busca do reconhecimento dos indivíduos que o cercam, e conseqüentemente estando em constante resistência ao modo opressor da sociedade na qual estão inseridos.

Dessa forma, podemos compreender o princípio que rege a educação quilombola da comunidade dos Timóteos, onde:

A educação de lá é regida pela união, sabe? União e o olhar de ver o próximo, não pelo próximo, mas ver como irmão. Não é olhar para mim e dizer: ela tem o cabelo enrolado. É olhar para um que tenha o cabelo liso, outro encaracolado, um com a pele branca e outro com a pele preta, mas reconhecer que somos todos unidos, irmãos, essa é a base principal da educação do quilombo (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023).

De fato, o que rege a educação quilombola é o respeito, advindo das lutas pela aceitação de uma cultura extremamente rica, mas pouco valorizada, e essa aceitação de valores quilombolas são importantes para a construção da identidade dos indivíduos quilombolas. Em que os próprios familiares são os responsáveis pelo processo de aprendizagem dos seus parentes, levando sempre em consideração a relevância da coletividade, de ajudar o outro, independente da causa, e isso é um aprendizado sem tamanho. Algo presente nas falas de todas as mulheres. Uma vez que para Luiza “a base deles é a gente realmente trabalhar com o que eles têm lá dentro” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023). E o que tem dentro do Quilombo? Diversas histórias que podem ser trabalhadas com os mais jovens a de forma a reafirmar a importância de conhecer suas próprias raízes.

E ao investigar essas histórias contadas pelos habitantes daquela região, as crianças e os jovens irão construir os seus ideais, pois o contato com o outro possibilita a formação do sujeito quilombola. Algo presente na fala de Tereza a relatar que “a união é o que não pode faltar. Porque desde pequena eu gosto de brincar, aprendi com meus avós quando via eles brincarem e cantarem. É meu divertimento” (TEREZA, líder e participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Mas se engana quem pensa que essa forma de educar só é voltada para os que estão iniciando a vida, pois refletindo na fala de Anastácia, ao relatar que na educação quilombola “o importante é cultivar a nossa cultura, porque na verdade eu mesma estou começando a entender essas coisas agora. Antes nem falava dessas coisas, ninguém comentava com a gente, com o tempo e os estudos foi que a gente foi aprendendo” (ANASTÁCIA, participante do grupo de dança, entrevista 12/01/2023). Percebemos o quão rico é estabelecer “o respeito pelo outro e ser amigável um com o outro” (MARIANA, participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Independentemente da idade, já que sempre estamos em um processo de

aprendizado, que necessita do outro para absorver conhecimentos que retratam as suas e as minhas histórias.

Por isso, Zeferina resume que o princípio de educação da sua comunidade “é a cultura que passa de geração em geração” (ZEFERINA, participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Dessa maneira, podemos refletir sobre os princípios pedagógicos que regem a Educação Quilombola, ao observar a fala de Luiza ao relatar que:

A gente trabalha assim, envolvendo as coisas da própria comunidade, até porque eu sou cobrada assim, que a gente tem que colocar a comunidade dentro da escola. Que deve ser comunidade/escola, e escola/comunidade. Então foi realizado um trabalho sobre o rabanete, fazendo uma entrevista dentro da comunidade, ficando muito bem trabalhado. Foi muito interessante. Sempre venho trabalhando assim, conciliando a comunidade e escola para poder identificar a situação de cada aluno (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Vemos assim, que a escola localizada no Quilombo dos Timóteo, apesar de não ter uma professora que seja quilombola, busca pela participação e manutenção das características culturais. Pois além de ofertar os saberes científicos, a mesma estimula os saberes populares dos integrantes da comunidade remanescente do Quilombo, quando introduz as características africanas como a dança, a culinária, o teatro, entre outros, a fim de explicar aos educandos a importância dos seus conhecimentos e aspectos culturais.

Assim, vivenciamos a importância do diálogo entre a escola e a comunidade, já que em ambos os casos há uma “preservação da cultura, nós levamos a cultura nas vestimentas e nas comidas fora das escolas. É tanto que as escolas nos chamam para falar sobre a alimentação, a dança, a cultura, falar um pouco sobre o quilombo” (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023).

Percebendo de acordo com a fala de Dandara, que o diálogo é a essência da prática educativa quilombola. Visto que é por meio dela que há um compartilhamento dos saberes, nesse caso, os saberes histórico, social e cultural. Levando sempre em consideração a relevância da coletividade, de ajudar o outro, independente da causa, e isso é um aprendizado sem tamanho.

4.2. PRÁTICAS EDUCATIVAS

Sabemos que as Práticas Educativas estão interligadas as vivências construídas no cotidiano das comunidades. Ficando perfeitamente claro com a opinião da senhora mais experiente de idade e de sabedoria, Tereza falando sobre a importância de ensinar para os mais jovens os seus saberes:

Traz alegria, porque se tem o interesse aí a gente pega essas crianças e ensinamos, tem uns que já estão aprendendo comigo, ensinando, brincando com eles, ai já estão aprendendo também. Tudo de alegria, eles ficam todos felizes. E eu já disse a eles que eu quero que eles aprendam para quando eu morrer, porque a gente já tá na idade, né? Ai não espera tempo bom mais, né minha filha? Eu tenho vontade deles aprender também, da mesma forma que eu aprendi, passando dos mais velhos para os mais novos (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Reafirmando o sentido de educar, de ensinar a comunidade para poder perdurar suas tradições por infinitos anos, para que seus descendentes consigam levar suas origens consigo. Pensando dessa maneira, de trazer o coco como uma prática educativa de que a própria professora, apesar de não ser integrante da comunidade, mas reconhece a importância da dança como uma característica educativa.

Reforça o que víamos discutindo anteriormente, de que se deve valorizar os ideais de cada indivíduo, independente de qual crença seja, pois o coco “é uma cultura quilombola, por que não trabalhar com meus estudantes? É a mesma coisa que religião, da mesma forma que trabalho uma, devo trabalhar todas, inclusive as que os estudantes vivenciam em sua comunidade” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Nesse sentido, podemos trazer a fala de Dandara sobre a dança está entrelaçada ao sentido de educação:

Através da dança o pessoal passa a ter disciplina, responsabilidade e a sonhar. Sonhar de que forma? Se eu me esforçar, se eu dançar bem, se eu tratar bem, eu consigo outra apresentação e ganhar alguma coisa, e assim a gente tem feito esse trabalho junto com o pessoal. E a educação é a transformação, ele não só educa, ele também transforma, a dança transforma (DANDARA, representante do Quilombo, entrevista, 05/01/2023).

Realmente, a educação transforma. Transforma o pensamento de que uma educação envolve somente os saberes científicos, dado que a dança é um meio de educação que envolve a participação da comunidade para poder educar os seres que ali habitam. Fazendo com que absorva conhecimentos sociais, capazes de analisar as possibilidades advindas desse campo de conhecimento.

Isso, é algo que pode ser considerado extraordinário, ao refletirmos que os habitantes da Mata Sul Pernambucana têm a oportunidade de aprender com o outro. Visto que a dança “é uma coisa que a gente tá passando para os mais novos. Uma coisa boa, dançar e se divertir” (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Que traga conhecimento das suas raízes histórica, nisso, “a gente ver que tem algumas crianças que tem prazer de dançar com a gente. Tem mães que trazem seus filhos, as que não tem filhos trazem os sobrinhos, e quando veem a gente dançando se interessam que vem dançar com a gente. (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Dessa forma, podemos dizer que o coco de roda ao ser considerado uma prática educativa, se torna uma força coletiva que transpassa os preconceitos concebidos por anos de sofrimento por essa prática. Fazendo com que haja uma compreensão acerca da sua história enquanto sujeitos quilombolas.

Exemplo disso é a importância do turismo, quando Tereza relata que quando “vem a turma de turista a gente brinca para eles ver, saem todos alegres, fazem a maior alegria, eles brincam como a gente. Perguntam se pode brincar também e pode, pode brincar com a gente, tem esse negócio de não brincar com a gente não, eles brincam, saem todos alegres e felizes” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Desse jeito, podemos dizer que o turismo abre espaço para diversos espaços educativos na comunidade, na medida que colam o diálogo entre o turista e os quilombolas que propiciam a troca de conhecimentos. Resultando em um compartilhamento de saberes que vão muito além da questão socioeconômica, mas de respeito pelas especificidades de cada ser humano.

Algo discutido por Luiza ao afirmar que os Timóteos:

É uma comunidade carente, mas rica em sabedoria, porém falta algo para incrementar as pessoas ali... eles fizeram uma apresentação sobre as sementes, e ficou certo de a gente criar nossa horta no pátio escola. Para que os próprios alunos possam conhecer, saber para que serve, que verdura é essa, fazer uma alimentação saudável. Tudo isso, foi por conta dessa apresentação de lá no quilombo (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Pode-se dizer que essa prática educativa envolve não apenas o Quilombo, mas todas as pessoas daquela cidade, dado que esses ensinamentos são de conhecimento de uma grande parte da população são-beneditense, estimulando o respeito entre a população.

4.3. COCO DE RODA

No decorrer das entrevistas, foi possível perceber que na comunidade quilombola dos Timóteos, o coco de roda se faz presente como uma forma cultural da comunidade, que tem influências africanas e de famílias que deram origem a comunidade, tendo a dança coco de roda uma variação elementos e de características, pois “a origem do coco vem das construções das casas, onde se tapava uma casa tinham as brincadeiras, não tinha sanfona nem nada do tipo, era a samba do coco, aí amanhecia o dia tudo brincando, na maior alegria dançando o coco” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Portanto, percebemos a importância do coco de roda enquanto cultura, sendo originada inicialmente a partir de uma forma de trabalho coletivo, e posteriormente como uma forma de lazer da comunidade que se preocupava em manter a sua cultura viva, que se revela através do coco de roda misturada com a ciranda, sendo realizada dentro dos espaços da própria comunidade e com os próprios integrantes do quilombo.

Onde, as pessoas dançam “pegando um na mão do outro, dança um para o lado outro para outro, vira para um lado e vira para o outro, vai para lá e depois vem pra cá, bate os pés também” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Desse modo, vemos que o coco de roda na comunidade quilombola dos Timóteos, faz parte de uma cultura repleta de conhecimentos diversos, tendo uma variação nas formas de dançar e que são passadas de gerações em gerações a fim de manter acessa a identidade cultural da comunidade quilombola.

Assim, podemos perceber o reconhecimento que o coco de roda trouxe para sua comunidade, quando utilizam dessa característica africana para poder romper as barreiras de preconceito que a própria sociedade impôs, dado como Dandara esclarece em sua fala ao explicar brevemente sobre as contribuições que a dança desenvolveu para o Quilombo:

Olha, a contribuição foi exatamente do respeito, as pessoas começaram a respeitá-los. Porque antes, as pessoas chamavam de negros do quilombo, dizendo: lá vem a “negaiada” do quilombo, que não era nem quilombo na época, chamavam de “negaiada” dos Timóteos. E aí, depois que nós começamos a dançar, a Globo veio, as filmagens foram para o mundo, veio o respeito. Agora quando se passa, falam: olha, tua amiga do quilombo, tua amiga dos Timóteos, já não é mais “negaiada”. Então, hoje o respeito veio acompanhado com a dança, e também a curiosidade, porque hoje as pessoas querem ir para lá, para conhecê-los, aprender a dança, conhecer a história (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023).

Portanto, mediante a essa fala o coco de roda vem trazendo aprovações da cultura africana, sendo esses importantes para a própria aceitação individual do sujeito quilombola, pois em decorrência desse linguajar preconceituoso relacionado aos quilombolas, os/as integrantes acabam se anulando com receio de sofrerem esse tipo de preconceito, vejamos isso na fala de Zeferina quando afirma a importância da dança para o processo de reconhecimento “entre as pessoas que vivem aqui e as pessoas de fora. Tem também sobre a nossa cultura, as nossas origens que passa de geração em geração. Mesmo que tenham pessoas que aceitam, tem outras que não aceitam, faltando com respeito com o quilombo e nossa dança do coco” (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Isto é, essa dança vai muito além de ser somente um ritmo musical, pois traz a herança dos povos escravizados para a nossa atualidade.

Bem como verdade, Anastácia relata sobre a importância de aprender com os nossos grandes educadores e educadoras da vida, os antepassados, já que “ajuda a comunidade a se identificar o que são, o que nós somos. A aprender com os nossos antepassados. É muito bom a gente aprender a nossa cultura, porque estamos aprendendo agora o que nunca nos ensinaram” (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Da mesma forma, Luiza relata sobre ensinar/passar os conhecimentos de geração em geração, para que haja a manutenção dos ideais africanos, dado que “a gente tá trabalhando para que isso não acabe, porque primeiramente temos que conscientizar na própria comunidade, porque ali tem meus filhos e meus netos, que para não acabar eu preciso ensinar primeiro para eles, deixar para eles, é uma herança deles” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Assim sendo, é fundamental observar o sentimento de pertencer e vivenciar algo rico, pois “representa a cultura, o saber das pessoas, trazer para o presente tudo que os negros viveram no passado. Ensinando para os mais jovens os valores culturais do passado para o hoje” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023). Onde, as fazem sentir integrantes de uma grande família que sua comunidade representa, pois o sentimento da maioria das participantes foi de “felicidade, e também agradecida por poder participar. Mesmo não tendo o gingado, como os antigos dizem, mesmo assim eu tô dançando que o importante é dançar” (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Andrade vai tratar justamente dessa forma de expressar sua arte, independente qual seja, independente da forma que é praticada, visto que o coco pode ser considerado como uma dança, mas também uma poesia emocionante, que irá variar de acordo com seus conceitos de identidade.

Corroborando com o pensamento de Dandara ao refletir sobre a representação da dança em seu meio, de “quando vou dançar, agora mesmo montei toda a apresentação, e toda coisinha que você faz me emociona, não tem jeito, é um filho, é parte da sua vida, eu sou parte integrante. Não tem para onde correr” (DANDARA, representante da comunidade quilombola, entrevista, 05/01/2023), visualizando o coco de roda como uma forma de inserir a cultura em meio a sociedade. Algo bastante enfatizado por Anastácia, foi o sentimento de felicidade ao mesmo tempo que trazia a frustração pelo preconceito ainda ser presente:

Me sinto feliz, no começo tinha vergonha. Mas agora deixa pra lá, vai embora. Representa também de onde nós viemos, o que nós somos. Muitos podem até ignorar, mas nós deixamos de lado, dizem que estamos dançando “macumba”, mas a gente vai em frente, pode falar o que falar. Mesmo que tenha muitos que não aceitam a cultura que temos (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

A partir dessa fala de Anastácia, nota-se um pouco do receio sofrido pela comunidade dos Timóteos, em relação à marginalização que a cultura quilombola sofria, no sentido da utilização de instrumentos musicais, pois poderiam pensar que estavam fazendo “macumba”. Em suma, fica evidente a importância que se tem o coco de roda e toda sua história cultural, onde a partir dela podemos conhecer e adentrar um pouco nesse espaço cheio de elementos ricos de conhecimentos. Assim, é através da história passada entre gerações que se evidencia as raízes da identidade quilombola, que busca se manter reconhecida e valorizada dentro e fora do espaço da comunidade quilombola, carregando marcas de lutas e resistências que merecem ser respeitadas e reconhecidas, pois é uma forma de manifestação cultural e de expressão popular de um povo que carrega consigo essa tradição da dança coco de roda

4.4. EDUCAÇÃO POPULAR

No decorrer das entrevistas ficou evidente a importância da Educação Popular, quando ela se torna um dos pilares da Educação Quilombola ao anexar os conhecimentos científicos com os populares, sem distinguir a importância das duas educações para a formação do sujeito quilombola. Consolidado o que vínhamos discutindo desde o princípio desse trabalho, de que é por meio da coletividade e participação da sociedade que haverá o reconhecimento dos valores afrodescendentes. Prova disso é a fala de Dandara ao explicar como é conciliar a educação escolar com a EP:

Lá na comunidade a gente sempre fala que a educação vem de casa, o conhecimento recebe na escola. E esse conhecimento coloca em prática, de que nós precisamos preservar hoje para ter uma alimentação saudável amanhã, nós temos que plantar hoje para colher amanhã. Então, tudo isso eles vão aprendendo na escola, agora eles estão com amostras de sementes crioulas para multiplicar e a gente tá esperando que realmente dê frutos, porque a gente deu para as crianças para que elas possam começar a fazer esse trabalho, trazendo os pais para ajudar. Então, o que se ver na escola vai na prática do dia-a-dia deles, e a gente sempre fala que nós devemos lutar pelo que é nosso, conhecer a nossa história, não deixar ela morrer e nem deixar que outras pessoas contem a nossa história das formas que elas quiserem, porque hoje eles têm suas histórias nas mãos então eles que irão contar suas histórias (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023).

Com isso, podemos observar sobre a importância da educação escolar e a não escolar. Uma vez que Anastácia discute lindamente sobre as duas formas de educar, a escola e os valores que é passado de geração em geração, “temos o estudo, a escola, que antigamente não falava muito da nossa cultura, mas de uns anos pra cá começou a falar bastante... Outra forma de educar somos nós mesmos, quando educamos nossos filhos” (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Algo semelhante acontece com a fala de Luiza, quando utiliza da sua prática pedagógica para incentivar a participação de toda a comunidade. Fazendo com que seus educandos utilizem e se apropriem do que são deles por direito, de conhecer suas origens e seu espaço da maneira mais eficaz que existe, o de conversar com o outro. Assim Luiza relata que:

Eu como educadora trabalho com o que o Quilombo tem. Incentivando as crianças a investigarem a sua origem. Por exemplo, quero saber algo sobre determinado conteúdo, eu peço aos alunos para entrevistar os próprios quilombolas. Os alunos precisam conhecer determinadas plantas, vamos para a mata de lá, entende? Sempre incentivo a conhecer o seu espaço (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Portanto, podemos dizer a educadora e educador de uma EP vai muito além de ensinar, pois deve incentivar os participantes a desenvolverem um pensamento crítico com relação a sua realidade. De modo, que essa forma de educar, de buscar fortalecer os laços sociais entre a comunidade escolar e a comunidade quilombola como entrelaçamento entre ambos é primordial para desenvolver reflexões críticas sobre o seu eu e a sociedade.

Pensando nesse sentido de coletividade, Tereza relata situações que acontece no cotidiano do Quilombo dos Timóteos quando acontece determinadas apresentações culturais, carinhosamente chamado por ela de brincadeiras, toda a comunidade se reúne para praticar sua cultura a depender de sua disponibilidade:

É porque a gente quando se reúne todo mundo para toda vez que é para brincar o coco, ai pode ter o que tiver pra fazer, mas deixa o que tiver e vem pra gente brincar. Estuda, na hora de estudar é de estudar, mas na hora de brincar, né? Quando não pode brincar de dia, vai brincar de noite, os que não pode de noite, brinca de manhã, e assim vai. Mas tudinho brinca com a gente. (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023)

De fato, trabalhar em união traz diversas compreensões, uma delas é buscar pela valorização da sua cultura, assim como Mariana fala que “devemos aprender que sempre devemos ir buscar o que a gente precisa. A gente deve buscar mais locais, para mostrar ao povo que a gente tem uma cultura, que a gente dança, que a gente se diverte com isso. Porque tudo isso é educação, a dança, o teatro”. (MARIANA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Então podemos resumir que o pilar da Educação Popular é “a união entre as pessoas”. (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023). Que possibilite compreender a necessidade de lutar pelos seus ideais, de mostrar para a sociedade que a população quilombola tem seus valores que deverão ser respeitados.

Nesse sentido, pode-se elencar alguns benefícios que a luta por seus direitos resultou por meio da fala de Dandara:

Essa comunidade desenvolveu bastante, porque as políticas públicas não chegavam até eles, eles não iam em busca de seus direitos. Hoje, eles vêm até a mim, mas também vão por si reivindicar as políticas públicas que estão procurando. Uma delas foi a escola deles que estava fechada, passamos umas quatro horas brigando até que a escola reabriu. Então, eles aprenderam a lutar pelo que eles querem e pelos direitos que eles têm. Porque as políticas públicas não chegam até lá se eles não se manifestarem, e hoje eles aprenderam a fazer isso. Eles se manifestam e vão em busca do que é direito deles (DANDARA, representante do Quilombo, entrevista, 05/01/2023)

Além disso, outro sentido que a EP traz é a herança cultural que esses conhecimentos que passam de geração em geração resultam, pois “as meninas que hoje dançam e que fazem parte do quilombo, vai passando de geração em geração. Eu acho que a contribuição é fazer com que essas pessoas façam parte dessa cultura”. (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).

Corroborando com Tereza ao relatar que a Educação Popular “trouxe conhecimento, alegria. Acho ser importante, porque traz o respeito pela nossa história”. (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023), além disso, “trouxe principalmente o reconhecimento, porque muitos nem sabiam que a gente era quilombola. E depois que a gente

passou a saber, criaram um grupo. Daí as pessoas se reúnem e participam junto com a gente. (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).

Portanto, podemos concluir que o desenvolvimento da comunidade Quilombola se desdobrou a partir do reconhecimento da sua cultura local, da sua história, de suas raízes, tendo como base a auto-aceitação para o reconhecimento de sua identidade. Havendo uma união entre a teoria e prática, pois ambas afirmam que não se pode restringir as práticas educativas como aquelas desenvolvidas nas escolas, pois nota-se que as práticas educacionais são realizadas de forma compartilhada com os demais integrantes da Comunidade. De forma que estimule em cada integrante da Comunidade Quilombola dos Timóteos, a reflexão sobre os seus direitos a serem conquistados ou uma luta aos direitos que foram negados.

5. ANÁLISE DO CASO

Com o objetivo de responder aos objetivos, dividimos esse capítulo em quatro partes, a primeira é Quilombo e Educação Quilombola, trazendo aspectos sobre a origem e as especificidades dessa comunidade. O segundo tópico é sobre as Práticas Educativas, sendo importante realçar o diálogo e compartilhamento de saberes para a construção destas práticas. Em seguida temos o Coco de Roda, relatando sobre o movimento da dança e sua herança cultural. E por fim, a Educação Popular, realçando sobre a importância da coletividade para a libertação dos sujeitos. Para fins riqueza do trabalho, os dados serão analisados a partir das categorias, refletidas nos itens seguintes.

Quadro 1 - Quilombo e Educação Quilombola

Categoria	Teoria	Empírico	Síntese
Quilombo	<p>Quando os escravos fugitivos se agrupavam num mesmo local, em geral afastado das fazendas e cidades, surgia um mocambo, ou como conhecido, um quilombo. Os quilombos, portanto, foram exemplos da capacidade de organização e resistência dos explorados em todo o período em que houve escravidão no Brasil (MACEDO e OLIVEIRA, 1996, p.100).</p> <p>“somos um povo formado das relações que povos diferentes estabeleceram entre si” (TEIXEIRA, 2004, p. 23).</p>	<p>“[...] de negros que fugiam do Quilombo dos Palmares. Eles vinham fugidos e ficavam junto com os índios que tinham aqui. E dessa junção resultou no Quilombo dos Timóteos, que só recentemente com a vinda do IBGE ao realizar o censo foi que cadastrou como quilombola” (DANDARA, Representante da Comunidade Quilombola dos Timóteos, entrevista, 05/01/2023).</p> <p>“[...] a união é o que não pode faltar. Porque desde pequena eu gosto de brincar, aprendi com meus avós quando via eles brincarem e cantarem. É meu divertimento” (TEREZA, líder e participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p>	<p>A teoria e a prática se relacionam, ao colocar a força e resistência dos escravizados como uma forma de reafirmar seus valores culturais, enquanto cidadãos integrantes de uma sociedade que possui suas especificidades e organizações que devem ser respeitadas como de fato são, povos Quilombolas. Trazendo a importância da coletividade para a formação desta comunidade.</p>
Educação Quilombola (escolar e não escolar)	<p>“a Educação Escolar Quilombola comprometida com as lutas, deve promover atividades educativas que deverão ter por base uma postura revolucionária, romper com os interesses</p>	<p>A educação de lá é regida pela união, sabe? União e o olhar de ver o próximo, não pelo próximo, mas ver como irmão. Não é olhar para mim e dizer: ela tem o cabelo enrolado. É olhar para um</p>	<p>Evidentemente através do reconhecimento dos próprios integrantes do quilombo, que houve um acréscimo na promoção do comprometimento da gestão pública municipal com relação ao</p>

	<p>burgueses e impor- se como práxis transformadoras dos interesses dos homens”. (ROCHA e SILVA ,2016, p.88)</p>	<p>que tenha o cabelo liso, outro encaracolado, um com a pele branca e outro com a pele preta, mas reconhecer que somos todos unidos, irmãos, essa é a base principal da educação do quilombo. (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023)</p> <p>A gente trabalha assim, envolvendo as coisas da própria comunidade, até porque eu sou cobrada assim, que a gente tem que colocar a comunidade dentro da escola. Que deve ser comunidade/escola, e escola/comunidade. Então foi realizado um trabalho sobre o rabanete, fazendo uma entrevista dentro da comunidade, ficando muito bem trabalhado. Foi muito interessante. Sempre venho trabalhando assim, conciliando a comunidade e escola para poder identificar a situação de cada aluno. (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023)</p> <p>“[...]a base deles é a gente realmente trabalhar com o que eles têm lá dentro” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023)</p>	<p>funcionamento da escola da Comunidade Timóteos que está comprometida com as lutas e a promoção de atividades transformadoras. Sendo esta um sinônimo de resistência ancorada na luta pela emancipação através do auto-conhecimento da própria identidade quilombola.</p>
<p>Cultura Quilombola</p>	<p>“o conceito de quilombos na atualidade cita uma formulação guiada pelos conceitos de patrimônios materiais e imateriais, sendo definido e reconhecido com base na cultura quilombola” (CUNHA, 2012, p. 158).</p>	<p>“O importante é cultivar a nossa cultura, porque na verdade eu mesma estou começando a entender essas coisas agora. Antes nem falava dessas coisas, ninguém comentava com a gente, com o tempo e os estudos foi que a gente foi aprendendo” (ANASTÁCIA, participante do grupo de</p>	<p>Os valores adquiridos e que são repassados de geração em geração, engloba conhecimentos capazes de ensinar aos integrantes desta comunidade a conquistar patrimônios materiais, sendo adquiridos muitas vezes por atividades econômicas que perduram desde seus antepassados. No</p>

		<p>dança, entrevista 12/01/2023).</p> <p>“[...] o respeito pelo outro e ser amigável um com o outro” (MARIANA, participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p> <p>“é a cultura que passa de geração em geração” (ZEFERINA, participante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p> <p>“preservação da cultura, nós levamos a cultura nas vestimentas e nas comidas fora das escolas. É tanto que as escolas nos chamam para falar sobre a alimentação, a dança, a cultura, falar um pouco sobre o quilombo” (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023).</p>	<p>entanto, esse não é o único patrimônio destinado aos Quilombolas, pois o patrimônio imaterial, aqui entendido por valores culturais, é importante para trazer o reconhecimento de suas raízes para as futuras gerações.</p>
--	--	--	--

Fonte: A autora (2023)

Quadro 2 - Práticas educativas

Categoria	Teoria	Empírico	Síntese
Partilha de saberes	<p>“os oprimidos, nos vários momentos de libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação antológica e histórica de <i>ser mais</i>. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.” (FREIRE, 2005, p. 59).</p>	<p>“vem a turma de turista a gente brinca para eles ver, saem todos alegres, fazem a maior alegria, eles brincam como a gente. Perguntam se pode brincar também e pode, pode brincar com a gente, tem esse negócio de não brincar com a gente não, eles brincam, saem todos alegres e felizes” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p> <p>“É uma comunidade carente, mas rica em sabedoria, porém falta algo para incrementar as pessoas ali... eles fizeram uma apresentação sobre as sementes, e ficou certo</p>	<p>As comunidades tradicionais são ricas em conhecimentos e saberes, que quando se apropriam de suas raízes e história, acabam desejando partilhar com as demais pessoas essa descoberta. Por isso, a importância de trabalhar e usufruir, no decorrer das práticas educativas, o diálogo, pois é por meio dele que se torna possível conhecer e partilhar sobre a cultura e conhecimentos desses povos.</p>

		de a gente criar nossa horta no pátio escola. Para que os próprios alunos possam conhecer, saber para que serve, que verdura é essa, fazer uma alimentação saudável. Tudo isso, foi por conta dessa apresentação de lá no quilombo" (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023)	
Conhecendo as especificidades da comunidade	Para Candau (2011) o educador precisa estar comprometido em reconhecer os saberes produzidos pelos sujeitos da comunidade em que a escola está inserida, devendo adotar uma perspectiva compartilhada da docência, onde sua prática deve se desenvolver a partir da relação com os atores da comunidade e suas demandas por uma justiça cognitiva,	“é uma cultura quilombola, por que não trabalhar com meus estudantes? É a mesma coisa que religião, da mesma forma que trabalho uma, devo trabalhar todas, inclusive as que os estudantes vivenciam em sua comunidade. (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).	É necessário que a educadora e educador compreenda sobre a importância de conhecer as especificidades da localidade em que estão inseridos, pois será por meio dessa compreensão sobre suas questões culturais e sociais que desenvolverá sua prática educativa que atenda as necessidades dos indivíduos.
Educação transformadora	Nesse sentido, a Pedagogia, como campo de saber que toma como seu objeto o fenômeno social de formação humana de sujeito humano, denominado Educação, é uma reflexão e, conseqüente, teoria dos problemas socioeducacionais, de suas possibilidades e limites, bem como das exigências a serem enfrentadas na prática educativa, ou mais adequadamente e de forma específica, na Práxis Pedagógica. (SOUZA, 2009, p.33)	Através da dança o pessoal passa a ter disciplina, responsabilidade e a sonhar. Sonhar de que forma? Se eu me esforçar, se eu dançar bem, se eu tratar bem, eu consigo outra apresentação e ganhar alguma coisa, e assim a gente tem feito esse trabalho junto com o pessoal. E a educação é a transformação, ele não só educa, ele também transforma, a dança transforma. (DANDARA, representante do Quilombo, entrevista, 05/01/2023)	As práticas educativas estão em voltas dos saberes produzidos pelos indivíduos da comunidade Quilombola, onde acredita-se que a educação, o conhecimento, abre espaço para a compreensão sobre os desafios sociais vivenciados pela comunidade, para posteriormente lutar por seu reconhecimento histórico. Valorizando sua cultura e sua própria forma de educação.
Práxis Pedagógica/Práticas Educativas	A práxis pedagógica , portanto, é interrelação de práticas de sujeitos que desejam ser educados (sujeitos em formação) respondendo aos requerimentos de uma determinada sociedade	“é uma coisa que a gente tá passando para os mais novos. Uma coisa boa, dançar e se divertir” (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).	A teoria e prática se correlacionam, quando ambas perceberam a necessidade de unir os saberes científicos com os saberes populares, trabalhando os ensinamentos escolares,

	em um momento determinado de sua história, produzindo conhecimentos que ajudem a compreender e atuar nessa mesma sociedade e na realização humana de seus sujeitos. Não esquecer, que esses requerimentos são contraditórios, conflitivos, ambíguos, mas também cheios de possibilidades e probabilidades. (SOUZA, 2009, p.29)	“a gente ver que tem algumas crianças que tem prazer de dançar com a gente. Tem mães que trazem seus filhos, as que não tem filhos trazem os sobrinhos, e quando veem a gente dançando se interessam que vem dançar com a gente. (ZEFERAIDE, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).	em cima dos conhecimentos produzidos na Comunidade Quilombola dos Timóteos, de modo que nenhum saber se sobressai ao outro, mas completa os dois conhecimentos.
--	--	---	---

Fonte: A autora (2023)

Quadro 3 – Coco de roda

Categoria	Teoria	Empírico	Síntese
Origem do coco de roda	[...] a dança teria surgido no Quilombo dos Palmares, com o barulho que os cocos provocavam ao serem quebrados nas pedras, um som que convidava os negros a dançarem. Com o tempo, esse ruído natural foi substituído pelo som de palmas com as mãos encovadas, dançado por pares de casais dispostos em roda, trocando umbigadas entre si e com os casais vizinhos (ALMEIDA, S/D, p. 6).	“a origem do coco vem das construções das casas, onde se tapava uma casa tinha as brincadeiras, não tinha sanfona nem nada do tipo, era a samba do coco, ai amanhecia o dia tudo brincando, na maior alegria dançando o coco” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).	A teoria e a prática aqui se relacionam, ao colocar a origem do coco de roda como algo relacionado com as vivências Quilombolas, trazendo algo primordial das brincadeiras, a importância da coletividade. Com intuito de ajudar ao próximo que estejam necessitando de auxílio para a construção de suas residências.
Dançando o coco	É formada uma roda de dançarinos que gira da direita para a esquerda enquanto repete em coro a “resposta” de coco “tirado” pelo solista. Ao mesmo tempo os da roda, marcam com uma pisada forte de ambos os pés a sílaba tônica final do verso, e meneam o corpo ora para direita ora para esquerda. No centro da roda dois ou mais coqueiros (ou coquistas) trocam umbigadas podendo ou não formar casais (PIMENTEL, 1978, p.13).	“pegando um na mão do outro, dança um para o lado outro para outro, vira para um lado e vira para o outro, vai para lá e depois vem pra cá, bate os pés também” (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).	Percebe-se que durante as danças é essencial que o diálogo esteja presente. Pois haverá uma interação entre as dançarinas e dançarinos e os solistas. Ao mesmo tempo que tem os movimentos dos corpos em dupla ou individual.

<p>O respeito por meio do coco</p>	<p>“um gênero performativo específico ao Nordeste do Brasil, que alicerçado em paradigmas extramusicais, configura-se por meio de complexa rede de relações sociais” (SOUZA, 2007, p. 12</p>	<p>Olha, a contribuição foi exatamente do respeito, as pessoas começaram a respeita-los. Porque antes, as pessoas chamavam de negros do quilombo, dizendo: lá vem a “negaiada” do quilombo, que não era nem quilombo na época, chamavam de “negaiada” dos Timóteos. E aí, depois que nós começamos a dançar, a Globo veio, as filmagens foram para o mundo, veio o respeito. Agora quando se passa, falam: olha, tua amiga do quilombo, tua amiga dos Timóteos, já não é mais “negaiada”. Então, hoje o respeito veio acompanhado com a dança, e também a curiosidade, porque hoje as pessoas querem ir para lá, para onhece-los, aprender a dança, conhecer a história (DANDARA, representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023). “entre as pessoas que vivem aqui e as pessoas de fora. Tem também sobre a nossa cultura, as nossas origens que passa de geração em geração. Mesmo que tenham pessoas que aceitam, tem outras que não aceitam, faltando com respeito com o quilombo e nossa dança do coco”. (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p>	<p>O coco de roda é um gênero específico do Nordeste que está ancorado em diversas questões sociais. Uma delas, sem sombra de dúvidas, é o preconceito. Na qual, associam a sua cor de pele e a sua cultura como algo discriminatório, que deve ser excluído perante a sociedade. Então, esta dança foi uma forma de resistir contra as opressões raciais que a população Quilombola sofria e ainda sofre.</p>
<p>Apropriação da cultura Quilombola</p>	<p>“um elemento integrador e também como componente de uma afirmação de uma identidade cultural” (AYALA, 1999, p.232).</p>	<p>“ajuda a comunidade a se identificar o que são, o que nós somos. A aprender com os nossos antepassados. É muito bom a gente aprender a nossa cultura, porque estamos aprendendo agora o que nunca nos ensinaram”</p>	<p>O coco de roda está interligado com os saberes produzidos pelos indivíduos Quilombolas. Sendo marcado pelo diálogo que acontece de geração pra geração, podendo ser em momentos de trabalho no campo ou no cotidiano</p>

		<p>(ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p> <p>“a gente tá trabalhando para que isso não acabe, porque primeiramente temos que conscientizar na própria comunidade, porque ali tem meus filhos e meus netos, que para não acabar eu preciso ensinar primeiro para eles, deixar para eles, é uma herança deles” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).</p> <p>“quando vou dançar, agora mesmo montei toda a apresentação, e toda coisinha que você faz me emociona, não tem jeito, é um filho, é parte da sua vida, eu sou parte integrante. Não tem para onde correr. (DANDARA, representante da comunidade quilombola, entrevista, 05/01/2023),</p>	<p>doméstico, de modo que haja em ambos os casos uma conversa acerca das características do Quilombo, e as vivências de cada um. Com isso, eles repassam diversas informações culturais e sociais riquíssimas para a manutenção de suas raízes.</p>
Herança cultural	<p>“antes de mais nada convém notar que como todas as nossas formas populares de conjunto das artes do tempo, isto é, cantos orquestricos em que a música, a poesia e a dança vivem intimamente ligadas, o coco anda por aí dando nome pra muita coisa distinta”. (ANDRADE, 1982, p.346).</p>	<p>“representa a cultura, o saber das pessoas, trazer para o presente tudo que os negros viveram no passado. Ensinando para os mais jovens os valores culturais do passado para o hoje” (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).</p> <p>“felicidade, e também agradecida por poder participar. Mesmo não tendo o gingado, como os antigos dizem, mesmo assim eu tô dançando que o importante é dançar” (ZEFERINA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p> <p>Me sinto feliz, no começo tinha vergonha. Mas agora deixa pra lá, vai embora. Representa também de onde nós viemos, o que nós somos.</p>	<p>O coco de roda representa a cultura, que deve ser respeitada e trabalhada com as pessoas ainda pequenas. Para incentivar a apropriação de suas culturas e raízes, que foram conquistadas a duras penas pelos antepassados. Incluído essa prática educativa para as pessoas de fora do Quilombo, mostrando a riqueza cultural que os escravizados e escravizadas deixaram de herança para todo ser humano.</p>

		Muitos podem até ignorar, mas nós deixamos de lado, dizem que estamos dançando “macumba”, mas a gente vai em frente, pode falar o que falar. Mesmo que tenha muitos que não aceitam a cultura que temos. (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023)	
--	--	--	--

Fonte: A autora (2023)

Quadro 4 - Educação Popular

Categoria	Teoria	Empírico	Síntese
A importância da coletividade	Nessa perspectiva se desenha como exigência fundamental da EP o fortalecimento da dimensão pedagógica das ações coletivas ou dos movimentos sociais. Deseja-se que os processos de EP contribuam efetivamente para a construção de um poder ético a partir das lutas e da solidariedade que podem garantir a integração social, reduzir o ímpeto avassalador do processo de inclusão perversa da maioria da população na ordem nacional e mundial, permitir assim o avanço das condições da democracia. (SOUZA, 1998, p. 15)	Lá na comunidade a gente sempre fala que a educação vem de casa, o conhecimento recebe na escola. E esse conhecimento coloca em prática, de que nós precisamos preservar hoje para ter uma alimentação saudável amanhã, nós temos que plantar hoje para colher amanhã. Então, tudo isso eles vão aprendendo na escola, agora eles estão com amostras de sementes crioulas para multiplicar e a gente tá esperando que realmente dê frutos, porque a gente deu para as crianças para que elas possam começar a fazer esse trabalho, trazendo os pais para ajudar. Então, o que se ver na escola vai na prática do dia-a-dia deles, e a gente sempre fala que nós devemos lutar pelo que é nosso, conhecer a nossa história, não deixar ela morrer e nem deixar que outras pessoas contem a nossa história das formas que elas quiserem, porque hoje eles têm suas histórias nas mãos então eles que irão contar suas histórias. (DANDARA,	A Educação Popular traz dimensões e exigências que colocam a coletividade como algo relevante para a formação de sujeitos e sujeitos críticos, presando pelas lutas e gentilezas que garantam uma melhoria social. Dessa forma, a Educação Popular trabalha com os educandos e educandas dentro e fora da escola, para trazer essa reflexão sobre sua realidade, ampliando a visão sobre suas heranças, lidando com as especificidades que o próprio Quilombo possui.

		representante da comunidade Quilombola, entrevista, 05/01/2023) “temos o estudo, a escola, que antigamente não falava muito da nossa cultura, mas de uns anos pra cá começou a falar bastante... Outra forma de educar somos nós mesmos, quando educamos nossos filhos”. (ANASTÁCIA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023	
Educação Transformadora	A “tarefa dos educadores populares o envolvimento na construção das bases de um pensamento crítico-hermenêutico-transformador e sua ação para efetivar os conteúdos de esperança” (SOUZA, 1998, p. 14).	Eu como educadora trabalho com o que o Quilombo tem. Incentivando as crianças a investigarem a sua origem. Por exemplo, quero saber algo sobre determinado conteúdo, eu peço aos alunos para entrevistar os próprios quilombolas. Os alunos precisam conhecer determinadas plantas, vamos para a mata de lá, entende? Sempre incentivo a conhecer o seu espaço. (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023) “trouxo conhecimento, alegria. Acho ser importante, porque traz o respeito pela nossa história”. (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023) “trouxo principalmente o reconhecimento, porque muitos nem sabiam que a gente era quilombola. E depois que a gente passou a saber, criaram um grupo. Daí as pessoas se reúnem e participam junto com a gente” (ZEFERAIDE, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).	Educadores populares devem buscar por estratégias que tragam o envolvimento da coletividade na construção de um pensamento crítico e transformador. Onde, tem a oportunidade de reforçar para as educandas e educandos a necessidade de olhar para dentro de sua comunidade e visualizar o que ela possui e o que está faltando. Talvez esse seja uma forma de ensinar a observar as necessidades de sua comunidade, e a lutar por seus direitos que estão em falta e ou que foram negados.
Participação dos indivíduos	Deve-se ressaltar que a identidade da EP está atrelada à opção pelo fortalecimento das	É porque a gente quando se reúne todo mundo para toda vez que é para brincar o coco, ai pode ter	A Educação Popular está ligada as áreas populares, trazendo a coletividade e a participação dos

	<p>organizações e movimentos gestados pelos setores populares, trabalhando coletivamente para o desenvolvimento de condições subjetivas que possibilitem a construção do sujeito capaz de alcançar sua emancipação. Para a EP, a organização é ao mesmo tempo um objetivo e um meio. (GONSALVES, 1998, p. 214)</p>	<p>o que tiver pra fazer, mas deixa o que tiver e vem pra gente brincar. Estuda, na hora de estudar é de estudar, mas na hora de brincar, né? Quando não pode brincar de dia, vai brincar de noite, os que não pode de noite, brinca de manhã, e assim vai. Mas tudinho brinca com a gente. (TEREZA, líder e integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023)</p> <p>“devemos aprender que sempre devemos ir buscar o que a gente precisa. A gente deve buscar mais locais, para mostrar ao povo que a gente tem uma cultura, que a gente dança, que a gente se diverte com isso. Porque tudo isso é educação, a dança, o teatro”. (MARIANA, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023)</p> <p>“a união entre as pessoas”. (ZEFERAIDE, integrante do grupo de dança, entrevista, 12/01/2023).</p>	<p>indivíduos para lutar em prol de algum objetivo. O empírico relata sobre a disciplina de ter determinados compromissos, mas que é importante se manter sempre em união. Praticando atividades que tragam a participação de toda a comunidade Quilombola.</p>
<p>A luta por melhorias</p>	<p>“a pessoa adquire o <i>status de noção e sujeito</i> de um processo de democratização capaz de decidir, coletivamente, a modernidade a ser construída. Ganha importância crescente, nessa perspectiva, as questões mais essenciais da exigência humana: o pensar, o fazer e o sentir”. (SOUZA, 1998, p. 27).</p>	<p>Essa comunidade desenvolveu bastante, porque as políticas públicas não chegavam até eles, eles não iam em busca de seus direitos. Hoje, eles vêm até a mim, mas também vão por si reivindicar as políticas públicas que estão procurando. Uma delas foi a escola deles que estava fechada, passamos umas quatro horas brigando até que a escola reabriu. Então, eles aprenderam a lutar pelo que eles querem e pelos direitos que eles têm. Porque as políticas públicas não chegam até lá se eles não se manifestarem, e hoje eles aprenderam a fazer isso.</p>	<p>A Educação Popular permite aos sujeitos e sujeitas a pensar sobre os processos de melhoria sobre sua realidade social. Não somente isso, a EP desperta nos seres o empoderamento de reivindicar coletivamente por seus direitos. Então, o coco de roda vem justamente aproximar os sujeitos com seu objetivo de melhoria. Na medida que traz uma autoconfiança de sua identidade e raízes, se apropriam do que são, de sentir a sua história, trazendo sentido para suas existências humanas e consequentemente, ensinando sua cultura</p>

		<p>Eles se manifestam e vão em busca do que é direito deles (DANDARA, representante do Quilombo, entrevista, 05/01/2023)</p> <p>pois “as meninas que hoje dançam e que fazem parte do quilombo, vai passando de geração em geração. Eu acho que a contribuição é fazer com que essas pessoas façam parte dessa cultura”. (LUIZA, professora, entrevista, 09/01/2023).</p>	<p>para os demais membros da sociedade.</p>
--	--	---	---

Fonte: A autora (2023)

6. CONCLUSÃO

Retomando a pergunta inicial que deu origem a essa pesquisa:

“Como o coco de roda é utilizado no âmbito das práticas educativas da comunidade quilombola dos Timóteos, à luz da educação popular?”

Temos a dizer o seguinte: Respondendo ao nosso primeiro objetivo sobre “Apresentar os princípios políticos e pedagógicos da educação quilombola” evidenciamos através da entrevista bem como dos teóricos mencionados no decorrer da pesquisa, que a Comunidade Quilombola dos Timóteos de fato apresenta elementos históricos, elencando manifestações culturais como a dança, gastronomia, agricultura, economia e o turismo, de forma presente nas vivências dos indivíduos integrantes dessa Comunidade, que utilizam dos saberes das próprias pessoas habitantes nesse local, trazendo a coletividade e a participação como elementos fundamentais para a construção de uma educação quilombola ao colocar a força e resistência dos escravizados como uma forma de reafirmar seus valores culturais. Trazendo conhecimentos que vão além de saberes materiais, pois há o interesse de repassar ideias que reafirmam sobre a identidade do ser Quilombola.

O segundo objetivo respondido foi “Analisar as contribuições do coco de roda como uma prática educativa para o reconhecimento histórico da comunidade quilombola”. Sendo notório que o Coco de roda é um dos elementos fundamentais no processo de reconhecimento da comunidade Timóteos. Visto que, foi por meio desta manifestação cultural que os mesmos se auto reconheceram enquanto descendentes e seres Quilombolas. Podemos dizer, que o coco de roda é algo relacionado com as vivências Quilombolas, que reivindica e luta por manter sua cultura mesmo com as adversidades enfrentadas pelo preconceito.

Temos como terceiro e último objetivo “Relacionar a colaboração da Educação Popular para a formação do sujeito quilombo”, constituindo-se através da aprendizagem compartilhada por todos os sujeitos da Comunidade, não se limitando apenas ao professor da escola. Uma educação que perpassa de gerações em gerações, de modo a reafirmar a identidade do ser Quilombola, e a importância da coletividade para a formação do sujeito quilombola. Sendo esta educação marcada pelo diálogo entre todos os sujeitos envolvidos nessa comunidade.

Por fim, respondendo à pergunta inicial o coco de roda é trabalho de maneira articulada aos saberes da comunidade, de forma a contribuir para o processo de aceitação dos indivíduos Quilombolas, quando utilizam a dança para manifestar culturalmente suas vivências e costumes.

Em suma, mediante aos fatos apresentados e discutidos no decorrer dessa pesquisa, afirmamos que a Comunidade Quilombola dos Timóteos cumpre seu papel social, reafirmando os saberes desses indivíduos, bem como a luta e resistência pela valorização cultural dos povos afrodescendentes.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, R. **Sobre Algumas Danças Brasileiras. Instituto brincante.** Disponível em: <https://www.Instituto Brincante – Instituto Brincante, S/D> Acessado dia 25 de agosto de 2022.
- AYALA, M. I. N. **Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX.** Estudos Avançados, São Paulo vol.13, n 35, p. 231-253, 1999.
- AYALA, M.; NOVAIS, M. I. (Orgs.). **Cocos: alegria e devoção.** Natal: EDUFRN, 2000.
- ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil.** Edição organizada por Oneyda Alvarenga, 2. ed. Belo Horizonte/Brasília: Itatiaia/INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997
- CANDAU, V. M. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: 2011.
- DINIZ, Jaime. **Ciranda: roda de adultos no folclore pernambucano.** Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística. Recife, 1960. Ciranda: dança popular. Estudos Avançados. Dossiê Nordeste I, São Paulo, v. 1, n. 1, 1987.
- GIL, A. C. **Como elaborar os projetos de pesquisa,** 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONSALVES, E. P. **Educação Popular: entre a modernidade e a pós-modernidade.** In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). Educação Popular Hoje. 1ed.São Paulo: Editora Loyola, 1998
- JUNIOR, H.A. **Quilombo: patrimônio histórico e cultural.** Revista Espaço Acadêmico, 2012. Disponível em <http://www.periodicos.unem.br>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.
- FREIRE. P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- LAGE, A. **Educação e Movimentos Sociais: Caminhos para uma pedagogia de luta.** Recife, Editora Universitária, UFPE, 2013
- LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências.** tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999
- MACEDO, J.R.; Oliveira, M.W. **Brasil uma história em construção.** São Paulo: Editora do Brasil, 1996. Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Pernambuco, Brasil, 2007
- MINAYO, M. C. S. **Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: consenso e controvérsias.** Revista Pesquisa Qualitativa: São Paulo, 2017.

PIMENTEL, ALTIMAR. **O Coco Praieiro: Uma dança de umbigada**. 2ª edição. Editora universitária/UFPB. João Pessoa, 1978.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Rev. Saúde Pública: São Paulo, 1995.

ROCHA, M.S.; SILVA, J.B. **Reflexões sobre educação escolar quilombola**. Atuação do Banco Mundial em Educação no Brasil entre 1993 e 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reuniões>. Acesso em: 24 de agosto de 2022.

SECRETARIA ESPECIAL DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Atendimento a povos e comunidades tradicionais na proteção social básica**, 2018

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, J. F. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009

SOUZA, J. F. **Educação Popular para o terceiro milênio-desafios e perspectivas**. In: COSTA, M. V. (org) Educação popular hoje. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.

SOUZA, F. A. F. de. **“Hoje vamos tirar um coco”** com Ana Lúcia e Pombo Roxo: Perspectivas imaginadas do Coco de Roda globalizado em Olinda. 2007, 130 f. Dissertação (mestrado em Ciências Musicais Etnomusicologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Pernambuco, Brasil, 2007

APÊNDECE A - ESTRUTURA DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DESTINADAS A TODOS AS ENTREVISTADAS

ENTREVISTA:

Perguntas gerais:

- Nome:
- Idade:
- Nascida ou nascido no Quilombo? Se não, reside a quanto tempo?

Objetivo específico 1: Apresentar os princípios políticos e pedagógicos da educação quilombola

- Quais são os princípios que regem a educação quilombola em sua comunidade?
- Quais as práticas educativas vivenciadas no Quilombo dos Timóteos?

Objetivo específico 2: Analisar as contribuições do coco de roda como uma prática educativa para o reconhecimento histórico da comunidade quilombola

- Quais as contribuições do coco de roda na formação da identidade do ser quilombola?
- O coco de roda pode ser considerado como uma prática educativa?
- Para você, o que representa dançar o coco de roda?

Objetivo específico 3: Listar a colaboração da Educação Popular para a formação do sujeito quilombo

- Quais as principais práticas educativas realizadas fora do cotidiano escolar na comunidade Quilombola dos Timóteos?
- Quais contribuições que os saberes populares trouxeram para o desenvolvimento da comunidade?

APÊNDICE B - Perguntas específicas que varia de acordo com o sujeito de pesquisa

- Qual a origem do Quilombo dos Timóteos? **(represente do Quilombo)**
- Quantos habitantes residem atualmente na comunidade? **(representante do Quilombo)**
- Quais são as suas principais práticas educativas desenvolvidas em sua sala de aula? **(professora)**
- Sabendo que cada região tem suas especificidades ao desenvolver o coco de roda, como é realizada em sua comunidade? **(integrantes do grupo de dança)**
- Você sabe a origem da dança do coco? **(integrantes do grupo de dança)**
- Você enxerga o coco de roda como uma manifestação cultural? **(integrantes do grupo de dança)**

ANEXO A - PERGUNTAS REALIZADAS AOS INDIVÍDUOS INDIVIDUALMENTE

PERGUNTAS	ENTREVISTADAS	RESPOSTA
Como surgiu o Quilombo dos Timóteos?	Dandara	A origem de lá foram de negros que fugiam do Quilombo dos Palmares. Eles vinham fugidos e ficavam junto com os índios que tinham aqui. E dessa junção resultou no Quilombo dos Timóteos, que só recentemente com a vinda do IBGE ao realizar o censo foi que cadastrou como quilombola. A gente agora tá correndo para ficar tudo no papel e eles fiquem legalizados.
Quantas pessoas habitam nessa comunidade?	Dandara	Aproximadamente 70 famílias.
Quais são as suas práticas pedagógicas?	Luiza	A gente trabalha assim, envolvendo as coisas da própria comunidade, até porque eu sou cobrada assim, que a gente tem que colocar a comunidade dentro da escola, que deve ser comunidade e escola, e escola e comunidade. Então foi realizado um trabalho sobre o rabanete, fazendo uma entrevista dentro da comunidade, ficando muito bem trabalhado. Foi muito interessante. Sempre venho trabalhando assim, conciliando a comunidade e escola para poder identificar a situação de cada aluno.
Você atua em que ano escolar?	Luiza	Eu trabalho da Educação Infantil ao 4º ano, em uma sala multisseriada. Sendo só eu de professora para atender todo esse público.
Sabendo que cada região tem suas especificidades ao desenvolver o coco de roda, como é realizada em sua comunidade?	Tereza	A gente dança pegando um na mão do outro, dança um para o lado outro para outro, vira para um lado e vira para o outro, vai para lá e depois vem pra cá, bate os pé também. É assim que a gente dança.
Você sabe a origem da dança do coco?	Tereza	A origem do caco vem das construções das casas, onde se tapava uma casa tinham as brincadeiras, não tinha sanfona nem nada do tipo, era a samba do coco, ai amanhecia o dia tudo brincando na maior alegria dançando o coco.
Atualmente, quantas pessoas participam do grupo de dança?	Mariana	12 pessoas, a maioria são pessoas mais idosas.
Qual a idade da pessoa mais jovem e a mais idosa que participam do grupo de dança?	Anastácia	A mais nova tem 12 anos e mais velha tem 67 anos, juntamente com seu par.

Fonte: A autora (2023)

ANEXO B: PERGUNTAS DESTINADAS A TODOS OS PARTICIPANTES

Quais são os princípios que regem a educação quilombola em sua comunidade?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	A educação de lá é regida pela união, sabe? União e o olhar de ver o próximo, não pelo próximo, mas ver como irmão. Não é olhar para mim e dizer: ela tem o cabelo enrolado. É olhar para um que tenha o cabelo liso, outro encaracolado, um com a pele branca e outro com a pele preta, mas reconhecer que somos todos unidos, irmãos, essa é a base principal da educação do quilombo.
Luiza	A base deles é a gente realmente trabalhar com o que eles têm lá dentro. É uma comunidade muito carente, porque não tem apoio. Então, praticamente eles fazem as coisas deles mesmo, como podem fazer, o que não podem ficam esperando alguém vim ajudar. Esse ano me empenhei muito com o pessoal lá, mas a gente ver que não tem aquela ajuda fixa de alguém. Inclusive a gente cobrou, esse ano o prefeito teve presente e a gente fez uma cobrança e ele disse que realmente vai fazer alguma coisa para que eles tenham nem que seja para começar novamente, mas que eles tenham a oportunidade de ir crescendo dentro da comunidade.
Tereza	Olhe, vem turista pra ver a gente brincar, quando vem a turma de turista a gente brinca para eles ver, saem todos alegres, fazem a maior alegria, eles brincam com a gente. Perguntam se pode brincar também e pode, pode brincar com a gente, tem esse negócio de não brincar com a gente não, eles brincam, saem todos alegres e felizes. Quando pensa que não chega uma turma de gente, as vezes só pra ver a gente brincar. Os meninos do colégio tudinho vem pra ver a gente brincar, as meninas vêm e perguntam se pode brincar com a gente. Então acho que a participação, a união é o que não pode faltar. Porque desde pequena eu gosto de brincar, aprendi com meus avós quando via eles brincarem e cantarem. É meu divertimento.
Mariana	O respeito pelo outro e ser amigável um com o outro.
Anastácia	O importante é cultivar a nossa cultura, porque na verdade eu mesma estou começando a entender essas coisas agora. Antes nem falava dessas coisas, ninguém comentava com a gente, com o tempo e os estudos foi que a gente foi aprendendo.
Zeferina	A coisa mais importante é a cultura que passa de geração em geração.

Fonte: A autora (2023)

Quais as práticas educativas vivenciadas no Quilombo dos Timóteos?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Lá presa-se muito pela preservação da cultura, isso nós levamos a cultura nas vestimentas e nas comidas fora das escolas. É tanto que as escolas nos chamam para falar sobre a alimentação, a dança, a cultura, falar um pouco sobre o quilombo. Enfim, no grupo nós temos as crianças que também dançam, que estamos inserindo as crianças, com muita dificuldade, mas a

	gente tá ali. Porque tem um grupo que cuida de todo o resto, que leva o quilombo para fora das fronteiras. Ainda temos a culinária, que há comidas específicas do quilombo que você sabe os ingredientes, mas não sabe fazer.
Luiza	Tem a gastronomia própria, danças próprias, só que de forma bem reduzida. É justamente isso, que se tivesse um apoio maior teríamos grupos formados de capoeiras, de danças, de teatro. Eles dançam, lógico, mas a cada ano em apresentações, mas queríamos que fossem vivenciados quase que diariamente. Porque é uma comunidade carente, mas rica em sabedoria, porém falta algo para incrementar as pessoas ali. Eu queria tanto formar um grupo de capoeira que tinha até uns meninos que disseram “ah tia, já tivemos, mas a pessoa desistiu”, seria ótimo, mas é aquela coisa né, não tem condições e fica esperando A e B e acontece isso. Mas eles têm tudo isso, inclusive essa última comemoração de agora o pessoal do CEA foi lá, eles fizeram uma apresentação sobre as sementes, e ficou certo de a gente criar nossa horta no pátio escola. Para que os próprios alunos possam, conhecer, saber para quê serve, que verdura é essa, fazer uma alimentação saudável. Tudo isso, foi por conta dessa apresentação de lá no quilombo.
Tereza	Meu divertimento é a o coco, mas tem comida, a gente recebe turismo.
Mariana	Tem capoeira, teatro o “Reizado” “A noiva da Cacimba”, a dança.
Anastácia	Aqui as brincadeiras da gente só a dança, mas aqui tem a capoeira. Tem outras coisas também, mas eu não participo. Mas tem uns meninos que gostam e participam. Tem o teatro “Reizado”.
Zeferina	Aqui tem a escola, teve um tempo de teve a dança da capoeira, tem a dança que a gente pratica. Também tem algumas pessoas daqui do quilombo que participa da dança do “Reizado”, nos teatros também.

Fonte: A autora (2023)

Quais as contribuições do coco de roda na formação da identidade do ser quilombola?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Olha, a contribuição foi exatamente do respeito, as pessoas começaram a respeitá-los. Porque antes, as pessoas chamavam de negros do quilombo, dizendo: lá vem a “negaiada” do quilombo, que não era nem quilombo na época, chamavam de “negaiada” dos Timóteos. E aí, depois que nós começamos a dançar, a Globo veio, as filmagens foram para o mundo, veio o respeito. Agora quando se passa, falam: olha, tua amiga do quilombo, tua amiga dos Timóteos, já não é mais “negaiada”. Então, hoje o respeito veio acompanhado com a dança, e também a curiosidade, porque hoje as pessoas querem ir para lá, para conhecê-los, aprender a dança, conhecer a história.
Luiza	Na minha concepção ele tem que existir, porque existe, claro. Mas assim, como conversei com a senhora lá que ela já é bem antiga no quilombo. E ela disse que o coco de roda é uma coisa que a gente tem que fazer e que a professora também tem que fazer.

	Mas não vou poder te explicar exatamente o que é, pois, é muito complexo. E a gente tá trabalhando para que isso não acabe, porque primeiramente temos que conscientizar na própria comunidade, porque ali tem meus filhos e meus netos, que para não acabar eu preciso ensinar primeiro para eles, deixar para eles, é uma herança deles.
Tereza	Traz alegria, porque se tem o interesse aí a gente pega essas crianças e ensinam, tem uns que já estão aprendendo comigo, ensinando, brincando com eles, aí já estão aprendendo também. Tudo de alegria, eles ficam tudo feliz. E eu já disse a eles que eu quero que eles aprendam pra quando eu morrer, porque a gente já tá na idade né, aí não espera tempo bom mais, né minha filha? Eu tenho vontade deles aprender também, da mesma forma que eu aprendi, quero que eles aprendam também, passando dos mais velhos para os mais novos.
Mariana	Traz conhecimento da cultura
Anastácia	Traz sim, ajuda a comunidade a se identificar o que são, o que nós somos. A aprender com os nossos antepassados. É muito bom a gente aprender a nossa cultura, porque estamos aprendendo agora o que nunca nos ensinaram.
Zeferina	O respeito entre as pessoas. Entre as pessoas que vivem aqui e as pessoas de fora. Tem também sobre a nossa cultura, as nossas origens que passa de geração em geração. Mesmo que tenha pessoas que aceitam, tem outras que não aceitam, faltando com respeito com o quilombo e nossa dança do coco.

Fonte: A autora (2023)

O coco de roda pode ser considerado como uma prática educativa?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Pode, pode porque através da dança o pessoal passa a ter disciplina, responsabilidade e a sonhar. Sonhar de que forma? Se eu me esforçar, se eu dançar bem, se eu tratar bem, eu consigo outra apresentação e ganhar alguma coisa, e assim a gente tem feito esse trabalho junto com o pessoal. E a educação é a transformação, ele não só educa, ele também transforma, a dança transforma.
Luiza	Acho que sim, porque a gente hoje trabalhamos com a criança tudo aquilo que tem em nossa comunidade. E se isso é uma cultura quilombola, por que não trabalhar com meus estudantes. é a mesma coisa que religião, da mesma forma que trabalho uma, devo trabalhar todas, inclusive as que os estudantes vivenciam em sua comunidade. E é justamente essa cultura que não podemos deixar isso acabar, porque é uma cultura tão rica que quem é de fora fica admirada com tudo aquilo.
Tereza	O coco educa, porque ao invés de colocar umas danças que tem hoje em dia, porque as danças que estão dançando agora não têm nem mais graça, não tem futuro pra mais nenhum. E no coco não, eles brincam, se divertem, não ensina nada de coisa ruim e traz a cultura da gente também.

Mariana	Sim, porque é melhor dançar as danças que os antepassados deixaram do que tá fazendo coisa errada. A gente jovem se interessa em dançar e a aprender essa dança.
Anastácia	Educa sim, porque é uma coisa boa. É uma coisa que a gente tá passando para os mais novos. Uma coisa boa, dançar e se divertir.
Zeferina	A gente ver que tem algumas crianças que tem prazer de dançar com a gente. Tem mães que trazem seus filhos, as que não tem filhos trazem os sobrinhos, e quando veem a gente dançando se interessam que vem dançar com a gente.

Fonte: A autora (2023)

Para você, o que representa dançar o coco de roda?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Não tem como nem descrever, essa é a verdade. Porque estou lá a tanto tempo e ainda me emociono. Quando vou dançar, agora mesmo montei toda a apresentação, e toda coisinha que você faz me emociona, não tem jeito, é um filho, é parte da sua vida, eu sou parte integrante. Não tem para onde correr.
Luiza	Representa a cultura, o saber das pessoas, trazer para o presente tudo que os negros viveram no passado. Ensinando para os mais jovens os valores culturais do passado para o hoje.
Tereza	Alegria, porque é um divertimento para mim. As vezes estou sozinha dentro de casa e fico dançando sozinha. Distraí a mente, as vezes estou com muita coisa na cabeça, aí eu fico pensando e começo a cantar as minhas músicas, canto minhas cantigas do povo, boto para dançar sozinha dentro de casa
Mariana	Representa alegria, diversão e felicidade
Anastácia	Me sinto feliz, no começo tinha vergonha. Mas agora deixa pra lá, vai embora. Representa também de onde nós viemos, o que nós somos. Muitos podem até ignorar, mas nós deixamos de lado, dizem que estamos dançando macumba, mas a gente vai em frente, pode falar o que falar. Mesmo que tenha muitos que não aceitam a cultura que temos.
Zeferina	Felicidade, e também agradecida por poder participar. Mesmo não tendo o gingado, como os antigos dizem, mesmo assim eu tô dançando que o importante é dançar.

Fonte: A autora (2023)

Quais as principais práticas educativas realizadas fora do cotidiano escolar na comunidade Quilombola dos Timóteos?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Lá na comunidade a gente sempre fala que a educação vem de casa, o conhecimento recebe na escola. E esse conhecimento coloca em prática, de que nós precisamos preservar hoje para ter uma alimentação saudável amanhã, nós temos que plantar hoje para colher amanhã. Então, tudo isso eles vão aprendendo na escola, agora eles estão com amostras de sementes

	crioulas para multiplicar e a gente tá esperando que realmente dê frutos, porque a gente deu para as crianças para que elas possam começar a fazer esse trabalho, trazendo os pais para ajudar. Então, o que se ver na escola vai na prática do dia-a-dia deles, e a gente sempre fala que nós devemos lutar pelo que é nosso, conhecer a nossa história, não deixar ela morrer e nem deixar que outras pessoas contem a nossa história das formas que elas quiserem, porque hoje eles têm suas histórias nas mãos então eles que irão contar suas histórias.
Luiza	Assim, eu como educadora trabalho com o que o Quilombo tem. Incentivando as crianças a investigarem a sua origem. Por exemplo, quero saber algo sobre determinado conteúdo, eu peço aos alunos para entrevistar os próprios quilombolas. Os alunos precisam conhecer determinadas plantas, vamos para a mata de lá, entende? Sempre, sempre incentivo a conhecer o seu espaço.
Tereza	É porque a gente quando se reúne todo mundo para toda vez que é para brincar o coco, ai pode ter o que tiver pra fazer, mas deixa o que tiver e vem pra gente brincar. Estuda, na hora de estudar é de estudar, mas na hora de brincar, né? Quando não pode brincar de dia, vai brincar de noite, os que não pode de noite, brinca de manhã, e assim vai. Mas tudinho brinca com a gente.
Mariana	Olhe, devemos aprendemos que sempre devemos ir buscar o que a gente precisa. A gente deve buscar mais locais, para mostrar ao povo que a gente tem uma cultura, que a gente dança, que a gente se diverte com isso. Porque tudo isso é educação, a dança, o teatro.
Anastácia	Temos o estudo, a escola, que antigamente não falava muito da nossa cultura, mas de uns anos pra cá começou a falar bastante. E não falavam porque ninguém falava, muitos nem sabiam que somos quilombolas, foram pesquisando mais a fundo na história do tempo antigo e foram que descobriram. Outra forma de educar somos nós mesmos, quando educamos nossos filhos.
Zeferina	A união entre as pessoas, aquela união para o pessoal se unir.

Fonte: A autora (2023)

Quais contribuições que os saberes populares trouxeram para o desenvolvimento da comunidade?

ENTREVISTADAS	RESPOSTAS
Dandara	Essa comunidade desenvolveu bastante, porque as políticas públicas não chegavam até eles, eles não iam em busca de seus direitos. Hoje, eles vêm até a mim, mas também vão por si reivindicar as políticas públicas que estão procurando. Uma delas foi a escola deles que estava fechada, passamos umas quatro horas brigando até que a escola reabriu. Então, eles aprenderam a lutar pelo que eles querem e pelos direitos que eles tem. Porque as políticas públicas não chegam até lá se eles não se manifestarem, e hoje eles aprenderam a fazer isso. Eles se manifestam e vão em busca do que é direito deles.

Luiza	Como eu disse a você, as meninas que hoje dançam e que fazem parte do quilombo, vai passando de geração em geração. Eu acho que a contribuição é fazer com que essas pessoas façam parte dessa cultura.
Tereza	Trouxe conhecimento, alegria. Acho ser importante, porque traz o respeito pela nossa história.
Mariana	O respeito pela nossa cultura
Anastácia	Trouxe sim, para aqueles que aceitam trouxe bastante sabedoria para a gente. A gente se reúne, colabora bastante, se reúne quando pretende fazer alguma coisa.
Zeferina	Trouxe principalmente o reconhecimento, porque muitos nem sabiam que a gente era quilombola. E depois que a gente passou a saber, criaram um grupo. Dai as pessoas se reúnem e participam junto com a gente.

Fonte: A autora (2023)